



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FLÁVIA CRISTINA VARGAS DA CRUZ

**O TESOURO DOS CONTOS DE FADAS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE
LEITURA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

LONDRINA
2009

FLÁVIA CRISTINA VARGAS DA CRUZ

**O TESOURO DOS CONTOS DE FADAS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE
LEITURA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Pedagogia
da Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Lucinea Aparecida de
Rezende .

LONDRINA
2009

FLÁVIA CRISTINA VARGAS DA CRUZ

**O TESOURO DOS CONTOS DE FADAS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA PARA
A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Pedagogia
da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora
Prof^a Dr^a. Lucinea Aparecida de Rezende
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Componente da Banca
Prof^a Ms. Cristina Nogueira de Mendonça
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Componente da Banca
Prof^a Ms. Cassiana Magalhães Raizer
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de 2009.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram na realização dos meus sonhos.

À minha irmã Luciana, grande incentivadora, que muito contribuiu nesses anos de estudo.

À minha prima Silvana, pela motivação e disponibilidade de ensinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho:

À Deus, por me permitir alcançar mais uma etapa;

À minha orientadora, professora Doutora Lucinea Rezende, maior responsável pelo meu crescimento intelectual, agradeço pela dedicação e competência ao me conduzir nesta pesquisa;

Aos Mestres Marcio e Luciana, meus queridos irmãos, pela motivação, ensinamentos e contribuição para eu concluir este estudo;

Aos meus pais, Anibal e Sandra, porto seguro em todos os momentos, agradeço pela contribuição, confiança e incentivo;

Ao meu namorado, Diogo Azevedo, pela colaboração, paciência e compreensão nos momentos em que estive ausente;

À Leny Norbiato, pelos momentos agradáveis, pela paciência de me ensinar a “ser professora” e, em especial pela grande amizade;

Ao meu tio, Cesar Alberto Vargas (in memorian), grande professor, que esteve sempre disposto a ensinar e ajudar ao próximo. Saudades eternas.

Aos profissionais entrevistados, pela concessão de informações valiosas para a realização desta pesquisa;

A todos os professores e colegas, que no decorrer do curso compartilharam seus conhecimentos, experiências e motivação.

“Contar histórias não é um privilégio de poucos, e sim uma tarefa acessível a quem se dispor a desenvolvê-la. Afinal, a prática ainda é o caminho mais seguro.”

BUSATTO (2008, p.90)

CRUZ, Flávia Cristina Vargas. **O tesouro dos contos de fadas**: uma proposta de ensino e aprendizagem da leitura para a educação infantil. 2009. 60 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco principal analisar a importância dos contos de fadas no processo de leitura dos alunos da educação infantil, tendo em vista que a leitura tem um papel de suma importância na formação do cidadão. Por meio dela, podemos ampliar o campo de conhecimento, estender o acesso a uma infinidade de informações, ser um sujeito ativo em nossas práticas referentes à linguagem, expandir nossa visão de mundo, etc. Considerando o exposto, o referente trabalho objetiva oferecer subsídios para incentivar à prática social da leitura a partir dos contos de fadas. A pesquisa foi realizada com base nos pressupostos teóricos da leitura pelo viés da concepção interacionista de linguagem e da literatura infantil, embasando-se em autores como: Bettelheim (1985), Ambramovich (2001), Coelho (2001), Busatto (2008), Ceciliato (2007), entre outros. O *corpus* para análise foi coletado por meio de entrevistas com especialistas da área, com a finalidade de aprofundar e refletir sobre o referencial teórico pesquisado. Este estudo tem caráter qualitativo e os resultados visam colaborar com o processo de ensino e aprendizagem da leitura na Educação Infantil

Palavras-chave: Prática de Leitura. Contos de fadas. Educação infantil. Contação de história.

CRUZ, Flávia Cristina Vargas. **The treasury of fairy tales**: a proposal for learning and teaching reading in kindergarten. 2009. 60 fls. Undergraduate Paper Assignment (Undergraduate Program in Pedagogy) – State University of Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

This research aims to analyze the importance of fairy tale to encourage reading on kindergarten students based on the fact that this activity plays an important role in the construction of citizenship. Through this practice we can enlarge our knowledge in many different subjects, make easier the access for many different pieces of information, be an active individual in our practices concerning the language, and expand our world view, among other things. Considering the above mentioned facts, this assignment aims to provide information to support social practice of reading for children beginning from the fairy tales. This study is based on the social interactionist and children's literature theoretical approaches, and it is using several authors as reference, such as Bettelheim (1985), Ambramovich (2001), Coelho (2001), Busatto (2008) Ceciliato (2007), among others. The data used in this analysis was collected through interviews with experts in this field, in order to analyze and reflect on the theoretical approach. This research has a qualitative purpose and its results aim to support the effectiveness in the process of learning and teaching reading in kindergarten

Key words: Reading. Fairy Tale. Kindergarten. Storytelling.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formação e área de atuação dos entrevistados	44
Quadro 2 - Qual concepção de leitura você defende?	45
Quadro 3 - Em sua opinião, o que os professores podem fazer para que suas atividades de leitura sejam significativas para seus alunos?	46
Quadro 4 - Como proporcionar aos alunos uma relação entre escola e literatura?	47
Quadro 5 - Você acha que os contos de fadas podem contribuir na formação do aluno leitor da Educação Infantil e do Ensino Fundamental? Em quê?	48
Quadro 6 - Você já desenvolveu algum projeto sobre contos de fadas ou outro, de leitura? Se sim, descreva-o. Como você avalia o resultado?	49
Quadro 7 - O que você sugere para que os professores possam desenvolver em seus alunos o gosto pela leitura?	51
Quadro 8 - Quais possibilidades de trabalho, você sugere, para a abordagem dos contos de fadas em sala de aula, visando incentivar a leitura?	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DISCUSSÃO ACERCA DA LEITURA	12
2.1 A LEITURA	12
2.2 O COMPORTAMENTO DE LER	15
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES.....	18
2.4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO INCENTIVO AO GOSTO À LEITURA	22
3 DISCUSSÃO ACERCA DOS CONTOS DE FADAS	26
3.1 AFINAL, O QUE É CONTOS DE FADAS?.....	26
3.2 UMA VIAGEM NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO: A HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS	28
3.3 O ENCANTAMENTO PROVOCADO PELOS CONTOS.....	30
3.4 A ARTE DE CONTAR E LER HISTÓRIAS INFANTIS	33
3.5 POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA ESCOLA.....	38
4 O QUE DIZEM OS FORMADORES DE LEITURA E A LITERATURA	44
4.1 ANÁLISE DE DADOS DA ENTREVISTA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE	59
APÊNDICE A.....	60

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho pretende-se suscitar uma reflexão acerca dos contos de fadas como um instrumento de importância para a formação de futuros leitores, enquanto uma atividade realizada pelo sujeito e capaz de propiciar além de conhecimento, o prazer.

Tendo em vista que na Educação Infantil as crianças começam a descobrir um novo mundo, pode-se dizer que os contos de fada interferem no processo de desenvolvimento fazendo com que elas possam ter o primeiro contato com as letras e literatura de modo geral como um fator valioso para que se tenha futuros bons leitores.

Ao tomar os contos de fadas como tema a ser discutido neste trabalho, tem-se como justificativa a estatística apresentada pela Câmara Brasileira do livro, por meio da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que mostra a média *per capita* de livros lidos no Brasil de 4,7. Baseado nisso e acreditando na necessidade da leitura na formação do cidadão, pode-se afirmar que a média *per capita* nesse segmento em nosso país é baixa.

Consideramos de suma importância trabalhar este tema, visto que a leitura é indispensável na vida dos cidadãos, a considerar-se o mundo repleto de códigos, que precisam ser compreendidos para que possamos nos comunicar, ir e vir, ter acesso ao mundo eletrônico e às informações em geral.

Considerando-se o universo de leituras possíveis, voltamo-nos para a leitura dos contos de fadas, dada a importância de estimular a imaginação da criança, ajudar a tornar clara suas emoções, reconhecer as suas dificuldades, relacionar-se com os aspectos de sua personalidade ensinando-a a enfrentar as condições que lhes são próprias, auxiliar no desenvolvimento do seu intelecto, e, incentivar, para que no futuro, sejam adultos capazes de desfrutar da compreensão do que lê. Os contos de fadas são instrumentos ideais para trabalhar essas situações com as crianças, pois, assim como afirma Bettelheim (1985), essas obras podem proporcionar a aprendizagem dentro de uma compreensão infantil, mais do que qualquer outro tipo de história.

As questões que nos instigaram a pesquisar foram: Como incentivar o gosto pela leitura a partir dos contos de fadas? O que existe por trás dos contos de

fadas que pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem da leitura dos alunos, despertando neles o prazer pelo ato de ler? Como pensar possibilidades do trabalho pedagógico em relação à leitura dos contos de fadas na Educação Infantil?

Para responder a essas questões, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, voltada a textos relacionados ao tema, esta que foi enriquecida pela coleta de dados junto a entrevistados.

O principal objetivo consiste em analisar-se a importância da leitura dos contos de fadas no contexto da educação infantil para a formação de futuros leitores. Este objetivo dividiu-se em outros mais específicos: a identificação dos contos de fadas como recurso pedagógico e de que maneira incentivar o gosto pela leitura na fase pré-escolar.

Desta forma, a pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro discute-se sobre o ato de ler, tendo em vista que é por meio da leitura que o indivíduo amplia seu horizonte discursivo, seus conhecimentos, aprimora sua capacidade de pensamento crítico, desperta o desejo da criatividade e dialoga com diversos discursos.

No segundo capítulo, os contos de fadas. Como eles se constituem e o que representam no universo das crianças. Os contos de fada são gêneros fundamentais para se abordar na educação infantil, porque envolvem a ficção, a magia, a fantasia, despertam o interesse da criança pelo livro e ajudam a aguçar a curiosidade. São apresentadas possibilidades de utilização dos contos de fada na escola, enfocando-se que é preciso proporcionar aos alunos uma relação entre escola e literatura, tendo em vista a responsabilidade pelo processo de ensino e de aprendizagem, levando a criança a exercitar seu pensamento por meio do incentivo à prática de leitura.

No terceiro capítulo apresentam-se o que dizem os formadores de leitura e a literatura, as conclusões a que se chega e apontam-se alguns caminhos para estimular a leitura por meio dos contos de fadas.

2 DISCUSSÃO ACERCA DA LEITURA

2.1 A LEITURA

A leitura faz parte do nosso cotidiano, é por meio dela que adquirimos conhecimentos e compreendemos melhor a realidade na qual estamos inseridos. Atualmente podemos observar que a leitura ocupa o papel principal e decisivo no mercado de trabalho. O indivíduo com pouca escolaridade e que não tem agilidade no ato de ler tem poucas chances de conseguir um emprego qualificado e com boa remuneração, porque este exige um maior grau de escolaridade.

Na realidade, deve-se reconhecer que a leitura é uma condição indispensável para o desenvolvimento sócio-econômico, cultural e para a realização pessoal. Não adianta nada aumentar a produção de livros se o indivíduo não se dispuser a ler; não saber das vantagens deste ato.

A educação do ser humano, seja ela formal ou informal (sistemática ou assistemática), sempre envolve dois fatores fundamentais: formação e informação. Mais especificamente, o processo educativo exige que às novas gerações sejam transmitidos conhecimentos, sejam trabalhados determinados valores e costumes de modo que ocorra a sobrevivência e a convivência social e de modo que não pereça a linha evolutiva da cultura (SILVA, 1986, p. 35).

Para Silva (1986) a leitura tanto pode formar quanto informar, tendo em vista que, o texto escrito, além de informar, alcança os objetivos de formação, pois apresenta ao leitor atitudes, crenças e valores, socialmente construídos. Portanto, e a partir do momento que o indivíduo tem acesso a um mundo repleto de informações, ao usufruir dessas idéias ele se forma criticamente.

Villard (1997) defende que a leitura promove o exercício da própria cidadania, uma vez que o indivíduo constrói, através do ato de ler, uma concepção de mundo, tornando-se capaz de compreender o que lhe chega através dela, analisando o conteúdo e posicionando-se criticamente diante das informações apresentadas.

Por ser formadora do conhecimento, a leitura é vista como um ato contra a alienação, que pode dar aos indivíduos e aos grupos sociais a sensação de liberdade em diferentes aspectos, isto é, a pessoa que tem acesso às informações e idéias de modo mais abrangente, usufruindo criticamente destas, torna-se livre.

De acordo com Silva (1983), no Brasil há certa carência em relação ao estímulo sócio-cultural para a leitura. Em se tratando da escola, é esperado que ela cumpra este papel, pois ela é um organismo de máxima importância para a formação do leitor.

Sabemos que o sistema educacional brasileiro contém muitas falhas, apresentando-se como um país que ainda não consegue assegurar a qualidade da educação para todos. Dentre essas falhas, encontra-se a falta de estímulo à leitura, um dos aspectos importantes, que deveria estar inserido a partir de um olhar diferente no contexto escolar.

Silva (1983) defende que na sociedade brasileira com tanta injustiça, desigualdade, miséria, fome, falta de liberdade e democracia, as pessoas não têm tanto acesso à informação apresentada em diferentes tipos de livros.

Rubem Alves (2004), por sua vez, aponta:

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está a ler.

Os professores são mediadores essenciais para que os alunos desenvolvam o prazer pela leitura, e assim como afirma Alves (2004), o prazer da leitura é o pressuposto de tudo mais; quem gosta de ler tem nas mãos a chave do mundo. Entretanto o que vivenciamos é o contrário, pois são raros os alunos que sentem prazer no ato de ler.

Portanto, é importante que o professor goste de ler, para que ele possa transmitir isso aos seus alunos, pois ele é personagem principal para ensinar as crianças a ler e a gostar de ler. Sandroni e Machado (1998) sugerem que os professores exponham os alunos a situações de prazer, elaborem perguntas bem

orientadas, registrem níveis de leitura após os comentários feitos pelas crianças, e com o tempo, descubram o livro de interesse e de preferência dos alunos, para que, através disto, passem a conhecer e cultivar os livros a serem propostos.

A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois ela deve proporcionar um ambiente favorável, contribuindo para desenvolver as potencialidades das crianças, e os educadores devem criar condições e situações para que essas potencialidades sejam exploradas atendendo às necessidades da turma.

A partir do momento que o aluno aprende a ler e desenvolve o gosto pela leitura, ele tem que ter iniciativa própria para praticar o ato ler, pois a leitura é individual, voluntária e interior.

Estudos psicológicos revelam que o aprimoramento da capacidade de ler reflete no aprimoramento da capacidade genética de aprender, pois a leitura não significa somente receber informações, ela vai muito além disto. Segundo Richard Bamberger (2000) a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem.

Para Allende e Condemarín (1987) as pessoas que lêem são mais aptas para receber informações e conhecimentos que outras pessoas, e com isto, diferem-se daquelas que não lêem, pois estas tendem a ser rígidas com suas idéias e ações, conduzindo sua vida e o seu trabalho somente por aquilo que lhes é permitido diretamente.

É por meio da leitura que o indivíduo reconhece símbolos, e logo após, transfere-os para os conceitos intelectuais; amplia horizontes, desenvolve a criatividade; tem acesso a um mundo de informações, idéias e sonhos; quebra algumas barreiras, obtendo oportunidades mais justas no campo educacional. Enfim a leitura traz consigo inúmeros benefícios cientificamente comprovados.

De acordo com dados apresentados pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (AMORIM, 2009), as crianças apontam o prazer como o principal significado da leitura, enquanto o público adulto julga o livro uma fonte de conhecimento. Para o coordenador desta pesquisa, Galeno Amorim (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO 2008), isto mostra que “depois da fase escolar há um distanciamento da leitura. A escola precisa trabalhar um pouco mais na tarefa de criar leitores que gostem de ler e que continuem a ler depois que saem da escola, para uma leitura não só pragmática”.

É preciso mudar o último índice apresentado no ano de 2007, no que diz respeito à leitura no Brasil, visto que a média *per capita*/ano é de 4,7 livros por pessoa. Dessa média, 3,4 livros por pessoa/ano foram indicados pela escola, freqüentada por 60 milhões de pessoas de todas as idades, e 1,3 livros *per capita* foram lidos fora da escola, o que significa que, espontaneamente, cada estudante não chega a ler dois livros por ano. Relativamente, é um número muito vago, pois há pessoas que não lêem nada, ou melhor, quase nada, e outras que lêem cerca de 10 livros por mês. Os estudantes puxam para cima a média nacional, com um índice quase duas vezes maior do que aqueles que estão fora da escola, o que influencia no índice apresentado e não deixa de ser uma situação preocupante.

Para que possamos mudar esse quadro é importante conscientizar os professores a tornar a leitura algo mais atraente, a partir dos primeiros contatos com o livro na educação infantil, resgatando com sabedoria a conjunção entre o visual e a escrita, tornando a ilustração peça fundamental para a leitura, integrando o texto e imagens.

Desenvolver habilidades de leitura, questionamento, argumentação e comunicação de idéias constitui-se como condição fundamental para a construção do conhecimento científico. Portanto acredita-se que é relevante investir em projetos e pesquisas que estimulem a leitura desde os primeiros anos de vida, visto que essa prática é um instrumento necessário na sociedade contemporânea.

Considerando que a leitura é um instrumento básico para o acesso à informação, é de extrema importância que o homem estabeleça uma relação com esta prática, permitindo, assim, compreender melhor o mundo que está ao seu redor. Todavia, a prática da leitura tem que ser encarada como algo livre e prazeroso para que possamos ter um país de futuros leitores.

2.2 O COMPORTAMENTO DE LER

Segundo Martins (1990) desde a época dos gregos e romanos, saber ler e escrever significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação esta que visava não só ao desenvolvimento das capacidades

intelectuais e espirituais, como também das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos homens livres.

De acordo com a autora o conceito de leitura geralmente está restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem está vinculada com o processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.

Entretanto, deve ser atribuído ao leitor o exercício de “reconstrutor de sentidos”, tendo em vista que decodificar os sinais gráficos não é o suficiente, é necessário também compreender o texto, interpretando o que está implícito e explícito nele. Para defender esta idéia Lajolo (1982, p. 59) ressalva que “Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado”. Neste sentido, Freire (2000) afirma que ler é antes de tudo descobrir um significado e não somente decifrar um código. Para o autor a leitura é também um comportamento muito importante para o desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo. Tendo o leitor um papel ativo no processo da leitura, uma vez que ele é responsável por atribuir sentidos aos textos, pode-se concluir que ele não apenas sabe ler (decifrar os códigos), mas usa e pratica a leitura no âmbito social.

A leitura é determinante para o sujeito se interagir, posicionar-se em relação aos textos que circulam nas diferentes esferas, inserindo-se na sociedade. Nesse sentido, a escola tem o compromisso de formar um sujeito leitor e, para isso, precisa propiciar situações que envolvam os alunos nas práticas de linguagem – sejam práticas de leitura, oralidade e escrita (PARANÁ, 2009).

Para promover o letramento dos alunos, o professor deve valorizar a leitura desde os primeiros anos que a criança frequenta a escola. Compreende-se que o letramento, de acordo com Soares (1998), é diferente da alfabetização: enquanto o processo de alfabetizar ensina o conhecimento do código lingüístico, o letramento tem por finalidade levar o sujeito a praticar, socialmente, a leitura e a escrita. Um processo complementa o outro na formação do leitor, visto que sem conhecer o código, o aluno não irá decifrá-lo, e sem ser letrado, ele não irá compreendê-lo, interpretá-lo, construir significados.

Para despertar nos pequenos o interesse pela leitura, esta não deve ser apresentada como algo “difícil”, mas sim algo lúdico. Vasconcelos (2008) nos ajuda a compreender melhor esta visão, ele afirma que livros-brinquedos podem

oferecer uma ocasião para que a criança emita alguns comportamentos, assim como, sorrisos, movimentos corporais e emissão de sons através da estimulação. Diante de uma situação como esta, um adulto, deve utilizar do sorriso e elogios, ensinando a criança como deve manusear um livro e despertando sua curiosidade para este objeto e pela história que nele contém, pois os livros somados às falas e atitudes dos pais e/ou educadores podem atrair a atenção de crianças pequenas.

A referida autora aponta que “a literatura infantil pode contribuir para o enriquecimento do repertório comportamental das crianças, ao oferecer soluções alternativas para problemas em diferentes áreas, presente no mundo infantil”. (VASCONCELLOS, 2008, p. 11) Para ela utilizar a literatura infantil adequadamente, pode potencializar os benefícios propiciados por esse valioso instrumento e possibilitar a criança desenvolver:

comportamento verbal, aprendendo a descrever seus próprios sentimentos e pensamentos, adquirindo vocabulário novo e aumentando sua influência verbal; comportamentos criativos, apresentando soluções originais e flexibilizando o pensamento ao considerar várias perspectivas sobre uma mesma situação; o comportamento de ler, tornando a leitura mais atraente; uma visão crítica da realidade (VASCONCELLOS, 2008, p. 11).

Concorda-se com Vasconcellos (2008), uma vez que ao utilizar da literatura de maneira lúdica e criativa esta pode trazer inúmeros benefícios. No entanto, deve ser levado em consideração que esses comportamentos citados acima podem ser favorecidos quando pais e professores incentivam a prática da leitura, as atitudes desses responsáveis podem resultar em um encantamento cultural levando as crianças a descobrirem os tesouros presentes nos livros.

Algumas crianças, e até mesmo os adultos possuem certa resistência ao ato de ler. Estes, por sua vez, costumam contar as páginas de um livro e acabam desanimados ao pensar que esta prática vai ocupar muito tempo. Esta leitura normalmente é feita devido a algumas condições que lhes são impostas, e age negativamente sobre o sujeito, reforçando, algumas vezes, o texto como algo insignificante para a sua aprendizagem. Por isso, ressalta-se a importância de trabalhar desde cedo o comportamento de ler, de modo que esta leitura seja significativa na vida do sujeito.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES COMPETENTES

Acredita-se que a formação do sujeito/leitor é um processo contínuo, em que o indivíduo amadurece suas capacidades ao interagir com diversos tipos de textos. Para que essa interação se torne cada vez mais intensa, é necessário dispor ao leitor textos que apresentem desafios graduais. O professor pode ajudar a tornar a leitura algo prazeroso e dinâmico, trabalhando com textos que atendam as diferentes etapas da formação do leitor.

Sabemos que a mediação do docente é fundamental e indispensável na formação de leitores, pois ele é o maior responsável por dispor de situações para que seus alunos possam iniciar e desenvolver essa condição. O exemplo desses adultos leitores e o modo como eles estimulam as crianças e jovens a ler causam marcas inapagáveis. Para Silva (1983) a influência da escola pode tanto educar como traumatizar um aluno; a omissão da instituição pode resultar em graves problemas, dentre estes o da não-leitura.

De acordo com Sandroni e Machado (1998, p. 60), devemos reconhecer que “à escola não cabe apenas ‘ensinar a ler’ ou ‘fornecer informações’, mas enriquecer o aluno com a aquisição de instrumentos para seu processo de permanente autoformação”.

A escola precisa aprimorar-se e atender às exigências de formar cidadãos conscientes, estimulando a ler mais do que aquilo que está exposto; ser capaz de compreender as entrelinhas de um texto, o discurso implícito, vivenciando situações de leitura significativas, de modo que seja possível a leitura reflexiva dos textos, permitindo que o aluno interaja com o que leu.

Zilberman (1989 apud CECILIATO, 2007, p. 26) afirma que:

Raramente a escola se preocupa com a formação do sujeito leitor. Seu objetivo principal consiste principalmente na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cuja qualidade e importância precisa aceitar e repetir. Supõe-se que, atingida essa meta, o estudante transforma-se num apreciador da literatura e saiba escolher com segurança os melhores livros.

A aproximação entre professor/aluno é importante para que sejam formados leitores fluentes, pois essa relação pode proporcionar um interesse maior

na busca do conhecimento. O professor deve transformar o ato de ler em uma experiência agradável, incentivando seus alunos a serem leitores de literatura críticos da obra literária.

Para Ceciliato (2007) muitos estudantes brasileiros não compreendem o que lêem, pois pesquisas têm revelado o baixo índice de desempenho à capacidade de leitura desses alunos, e isso leva a questionar as práticas de leituras que existem nas escolas. Ela afirma que a realidade das escolas brasileiras está sobre dois opostos visto que ou se trabalha com a leitura livre dos alunos, em que não há cobrança nem acompanhamento do professor; ou se trabalha a leitura dirigida, em que o professor determina o que seus alunos devem fazer com suas leituras.

Nesse sentido, Ceciliato (2007, p. 13) salienta que:

[...] em razão de ser a escola instantânea responsável pela formação do leitor competente e crítico, o que se observa é que a leitura livre peca pela liberdade excessiva dada aos estudantes, por deixá-los ler somente o que querem e do modo como querem: os leitores, muitas vezes não lêem o que está previsto no texto e, ao invés de se aterem ao que fala o texto e como o autor trata o tema, discutem as suas realidades imediatas, sem estabelecerem o distanciamento entre a obra e o cotidiano vivido por eles.

A autora defende que:

[...] é preciso que sejam criadas metodologias de leitura que permitam tanto a vivência afetiva, quanto o distanciamento reflexivo do leitor sobre os textos, num processo gradativo de descentramento da subjetividade de sua leitura individual rumo à consciência crítica e significação estético-ideológica da obra literária. Desse processo resultaria a competência de leitura, tendo sempre em vista a formação do leitor no âmbito literário (CECILIATO, 2007, p. 14).

Diante disto, acredita-se que é preciso que o professor dê mais espaço à leitura literária, trabalhando esses diversos aspectos apresentados por Ceciliato (2007) desde o início do processo de alfabetização, preparando o leitor para ser um sujeito crítico e competente no que diz respeito ao ato de ler, respeitando as peculiaridades de cada fase e desenvolvendo práticas de leitura em que o aluno/sujeito seja ativo no seu papel de leitor, atribuindo significados para o texto, acrescentando suas experiências, refletindo sobre o que leu.

A escola deve proporcionar a leitura de diversos gêneros, isto é, de textos que circulam em diferentes esferas sociais, seja na esfera jornalística, publicitária, literária, artística, cotidiana, midiática. Para exemplificar, destacamos alguns gêneros da esfera literária: os contos de fadas, as fábulas, as histórias em quadrinhos, as lendas, os causos etc. (PARANÁ, 2008)

A leitura literária tem um caráter formador, por isso dá-se a necessidade dos professores estimularem, em todo o desenvolvimento escolar, ao exercício da leitura de diferentes gêneros, com as mais diversas intenções. Tendo em vista que utilizar da leitura para realizar somente atividades obrigatórias e repetitivas pode-se ter como resultado “falsos leitores”, isto é, aqueles indivíduos que lêem só para agradar alguém ou para obter nota.

Os livros didáticos são vistos como livros da escola e não dos leitores. Aqui surge a primeira divisão de águas: certas leituras são para escola, não para si próprios. No entanto, esse mesmo leitor, se consultado, poderá surpreender-se ao perceber que gostou de uma determinada leitura, indicada pela professora. A leitura espontânea torna-se rara. Estaremos então formando um leitor escolar? Um leitor que, distante do espaço escolar, esquece do prazer da leitura? E a leitura é realmente prazerosa? (MARCHI, 1997, p. 158).

A leitura é uma atividade de extrema importância que deve que ser trabalhada de maneira interativa, o aluno não deve apenas “ler porque a professora mandou”, mas ler para aprender, compreender, atribuir sentidos ao texto e associar a leitura com o seu conhecimento de mundo.

A aprendizagem deve ter como foco o aluno, em vez do professor, e o processo de elaboração ativa do conhecimento, em vez da acumulação de informação. Estamos no período pós-moderno e ainda podemos observar nas escolas a utilização de métodos tradicionais em se tratando da modalidade de leitura, distanciando, muitas vezes, o leitor do texto.

Nesse sentido, Bamberguer (2000, p.23), ao tratar sobre o conceito de leitura, ressalva que:

O ensino de leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo receptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as

idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas também na sua interpretação.

Concorda-se com a afirmação de Bamberguer (2000), a leitura resulta em conhecimento quando é dado ao aluno o papel de sujeito ativo no processo de compreensão e interpretação dos diferentes gêneros textuais. Pode-se dizer que quando o professor propõe a leitura de um texto e, por conseguinte, apresenta uma interpretação deste, sem abrir espaço para as interpretações que não são iguais à sua, limitando-se a não aceitar as diferentes concepções dos alunos, ele não está trabalhando com o aprimoramento do aprendiz. Não existem leituras previstas por um texto, como se ele fosse auto-suficiente, pois o texto só tem sentido quando é lido, o que não significa dizer que qualquer leitura é admissível para um texto, desconsiderando os seus objetivos, as suas marcas discursivas.

Para despertar no aluno a vontade de ler, repetir e diversificar suas leituras, é importante que o docente também proporcione diálogos com a turma, dando aos alunos a liberdade de falar o que pensam sobre os textos, suas impressões, dúvidas e opiniões, discutindo os diversos significados que são atribuídos a ele.

Os PCN (BRASIL, 2000) ressaltam que formar um leitor competente significa formar um indivíduo que entende aquilo que lê; que possa aprender a ler, percebendo as informações que estão implícitas; que consiga relacionar o texto que lê com outros textos já lidos; que saiba que várias opiniões podem ser encontradas em um texto; que consiga explicar e validar a sua literatura por meio de diversos elementos discursivos.

Com base no exposto, acredita-se que formar leitores requer condições favoráveis à prática de leitura, não só ao que diz respeito a recursos materiais, mas principalmente ao uso deles. Conviver diariamente com a leitura, leitores e livros é essencial para que possamos ter leitores contínuos.

2.4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO INCENTIVO AO GOSTO À LEITURA

A prática de leitura não deve se restringir apenas às atividades de sala de aula. Apesar de ser responsabilidade da escola alfabetizar e letrar o aluno, o incentivo à leitura precisa acontecer dentro e fora da escola, uma vez que o aluno não lê para a escola, mas sim para se inserir e interagir na sociedade.

A leitura estimula a imaginação, a criatividade e favorece o desenvolvimento do intelecto da criança. Por isto, é necessário proporcionar a ela situações que despertem o prazer para por este ato. Isso é muito importante, tendo em vista que, segundo Sandroni (2005), a leitura é um aprendizado difícil, e devido a isso são necessários incentivos para obter uma prática diária.

A família tem um papel de suma importância no incentivo à leitura. Ela deve estimular seus filhos para que estes se familiarizem com o mundo dos livros, afim de que o ato de ler não seja vinculado somente com as obrigações escolares.

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (AMORIM, 2009), promovida pelo Instituto Pró-Livro, mostra que a família é fundamental na formação de leitores e que seus membros, principalmente os pais, devem ser um bom exemplo de sujeitos leitores para seus filhos. De acordo com a pesquisa, 49% dos leitores citam que quem mais os influenciaram a ler foram as mães (ou responsável mulher), em seguida com 33% de influência estão os professores e, abaixo destes com apenas 30% estão os pais (ou responsável homem).

Ao tratar da frequência com que os leitores vêem/viam alguém lendo em casa, têm-se como resultados obtidos que a maioria dos sujeitos leitores se habituaram a ver os pais lendo em casa, diferentemente dos não-leitores, cuja maioria nunca ou quase nunca vêem/viam isso em sua residência.

Diante disso, nota-se que as crianças costumam se espelhar nos seus pais. Numa casa em que os pais são leitores, os filhos provavelmente também terão familiaridade com os livros. O ambiente em que a criança vive exerce grande influência para que ela seja uma leitora praticante ou não. Sandroni (2005, p.8) sugere que os pais que não praticam a leitura “deveriam pensar na importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefício dos seus filhos quanto de si mesmos”.

Bettehlein e Zelan (1992, p. 20) apontam a necessidade de haver condições favoráveis para a formação da criança como sujeito leitor. “As crianças que adquirem um grande interesse pela leitura em sua família têm grande facilidade de aprender na escola, e elas formam a imensa maioria daqueles que, mais tarde se tornam bons leitores”.

Sob este enfoque, acredita-se que a família tem o papel fundamental na fase inicial, principalmente, da prática de leitura de seus filhos. Esse incentivo pode acontecer, por exemplo, por meio de brincadeiras utilizando histórias, figuras de jornais, presentear seus filhos com livros e revistas, deixar os livros num lugar de fácil acesso em casa, para que a criança saiba onde encontrá-los e assim poder manuseá-los quando estiver com vontade. Mesmo antes de ser alfabetizada, a criança pode ler livros ilustrativos; além disso, é muito importante que os pais leiam para os seus filhos, e contem histórias, para colaborar com o desenvolvimento da imaginação das crianças.

Sandroni (2005) ressalta que deve existir na família a hora de pais e filhos curtirem um livro juntos, da qual deve-se partilhar com as crianças:

[...] livro de histórias curtas, contadas com palavras fáceis de ler e entender, ilustrado com imagens que falem das personagens e ações que estão sendo ali mostradas, que faça rir de verdade, que seja engraçado, que faça pensar em coisas novas, que informe, que faça brincar com as mãos, olhos e ouvidos. O importante é que nesta hora não haja pressa (SANDRONI, 2005, p. 10).

Concorda-se com Sandroni (2005), pois se os pais passarem uma parte de seu tempo lendo para seus filhos, a atitude ler ser para os filhos, essa atitude tornar-se-ia algo natural e espontâneo, favorecendo a formação da criança enquanto leitora. O apoio que a família desempenha é essencial, ela deve fornecer as condições necessárias para a aprendizagem acerca da leitura.

Nesse sentido, Busatto (2008) questiona: quantos pais se dispõem a ler para seus filhos depois de um dia exaustivo de trabalho? A autora reforça que educar não é uma tarefa fácil, e prossegue afirmando “educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa. É descobrir que sempre há mais energia do que pensamos ter, e que ela poderá ser dirigida para preparar o sono do filho, por exemplo.” (BUSATTO, 2008, p. 47)

Outra atitude que também contribui para a formação do sujeito leitor é a conversa. De acordo com Sandroni e Machado (1998) através dela os pais preparam seus filhos para explorar verbalmente o mundo.

“É falando e ouvindo em situações de prazer que a criança adquire o gosto pela linguagem, que vai lhe servir de base para desejar ouvir histórias, ver e ler livros” (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 12).

A criança que está familiarizada com os livros compreende melhor a linguagem destes, o gosto pela leitura, geralmente, é o resultado das práticas de leitura, por isso é importante que os pais se empenhem em estimular seus filhos desde pequenos a esta prática, conscientizando-os sobre a importância deste ato.

[...] mesmo quando ainda não sabem ler, as crianças devem se habituar a ouvir histórias. E quanto mais os pais se envolvem na brincadeira, melhor. Para o desenvolvimento delas faz bem mergulhar no mundo da fantasia. Para os pais, é mais uma forma de estar junto aos pequenos e fortalecer os laços afetivos (SCLAR, [2000?] p. 54).

Sandroni (2005) defende que é importante sempre dar espaço para a fantasia e mostrar às crianças pequenas contos e história que não dêem relevância excessiva à moral. A autora afirma que:

pesquisas já mostraram que as histórias favoritas de crianças de diversas idades refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares, que elas experimentam em diversos momentos da vida. Lendo, a criança se identifica com esta ou aquela personagem, numa situação semelhante a alguma outra já por ela vivida, e isto pode ajudá-la a resolver seus problemas (SANDRONI, 2005, p. 7).

Desse modo, acredita-se que os contos de fadas estimulam a maturidade psicológica, pois através deles a criança pode compreender situações vivenciadas por si própria e de suas experiências com o mundo, o que lhe fornece um sentido mais pessoal e auxilia na resolução das dificuldades que a oprimem. Encontrar soluções para as situações apresentadas nos contos possibilita à criança superar alguns sentimentos de desesperança, tendo em vista que, geralmente, elas conseguem notar qual história é adequada para sua vida no momento, e também percebem como enfrentar a situação.

É importante ressaltar que os pais não devem se restringir em contar somente histórias que encantem seus filhos, com medo de que eles se assustem. A esse respeito Sandroni (2005, p.12) ressalva: “é preciso que a criança entre em

contato e explore os lados mais sombrios da vida. Sentindo o calor da voz e do corpo dos pais, a criança pode ouvir histórias sobre gente má. Ela vai percebendo que a vida nem sempre é boa e tranqüila”. As histórias assustadoras podem ajudar as crianças a enfrentar o medo, transmitindo coragem e ensinando-as como reagir diante dos mais variados tipos de medos, assim como, medo da bruxa, do lobo, do escuro, etc. É interessante trabalhar este aspecto porque o medo está presente na vida de todos, principalmente na das crianças.

Sandroni e Machado (1998) afirmam que o amor pelo livro não é uma coisa que aparece de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem lhe oferecer. Cada livro pode trazer um novo conhecimento, que ajuda a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança.

Entretanto deve-se levar em consideração que, em nosso país, assim como tantos outros, a família sofre influências de uma estrutura social na qual imperam o consumismo e a alienação. Infelizmente, grande parte da população brasileira, ganha somente o necessário para sobreviver (IBGE, 2009) o que dificulta a motivação por parte dos pais para o incentivo à leitura, o acesso ao livro fica distante desta população, muitos preferem investir na sorte e jogar na loteria, devido a isto, a leitura acaba sendo um privilegio de poucos.

A literatura infantil deveria estar inserida com mais ênfase na sociedade brasileira. Embora a produção literária infantil esteja crescendo no Brasil de forma significativa e com uma boa qualidade e que os contadores estejam cada vez mais frequentes em shoppings centers, escolas e eventos, pode-se notar que essas situações que atraem a população infantil para a leitura normalmente são proporcionadas para as crianças que fazem parte da classe média/alta da população. As crianças, de modo geral, precisam de um contato ainda maior com esses livros, principalmente no ambiente escolar e entre os membros familiares.

Diante do exposto, acredita-se que a família pode colaborar com a prática de leitura. Destaca-se, ainda, que quando a criança começa ir à escola e encontra dificuldade no ato de ler, ela, muitas vezes, se distancia do livro. É nesse momento que os pais devem ter calma, e sem fazer pressão, incentivar seus filhos buscando livros pelos quais eles apresentam interesse, participando ativamente dessa fase de desenvolvimento e se mostrando como exemplo de sujeito leitor.

3 DISCUSSÃO ACERCA DOS CONTOS DE FADAS

3.1 AFINAL, O QUE É CONTO DE FADAS?

Histórias fantásticas sobre seres imaginários, pequenos, míticos, que podem ser encontrados no fascinante reino da fantasia e encantamento, onde habitam as bruxas, príncipes, princesas, animais que parecem seres humanos, dificuldades, soluções e promessa de um final feliz.

De acordo com Vasconcellos (2008, p. 13):

Os contos infantis, apesar de apresentarem características fantásticas, mostram comportamentos humanos, situações reais dentro de um irrealismo estético-recreativo – as fadas têm qualidades humanas e os animais se expressam por meio de palavras. As fadas simbolizam a beleza, cultivam emoções positivas, são otimistas e voltadas para o bem-estar de todos os seres vivos. Análises do mundo fabuloso podem ser ricas para as brincadeiras, incluindo vários conceitos como bem e mal, o certo e o errado, a justiça, a felicidade, entre outros abordados pelos livros.

Nota-se que apesar de se chamarem contos de fadas, nem sempre as fadas estão presentes nas histórias, mas mesmo assim fazem uso de magia e encantamento. De acordo com Bettelheim (1985), seu núcleo problemático é existencial, isto é, o herói ou a heroína buscam a realização pessoal. Enfrentar grandes obstáculos são rituais de iniciação para o herói ou heroína, antes vencer o mal. Na maioria dos contos o lado do mal é representado por: lobos, leões, dragões, ratos, grilos, etc. Pode-se dizer que os contos de fadas possuem um conjunto de textos narrativos de tradição oral, por meio de conteúdos apropriados a diferentes destinatários, capazes de desenvolver a imaginação a ponto de vivenciar a história.

Busatto (2008, p. 30) afirma que depois que os personagens cumprem sua parte na narrativa eles desaparecem da história. A autora exemplifica como isto ocorre: “o pai que surge no início da história como propulsor do conflito que o filho terá que resolver simplesmente desaparece após esta introdução.” Nos contos, o desenvolvimento da história é curto, as situações que vivem os personagens são diretas.

A diferença dos personagens dos contos de fadas para a realidade é que nos contos de fadas esses personagens não são ambivalentes, isto é, não são boas e más ao mesmo tempo, como é o ser humano. Nos contos ou a pessoa é boa ou é má, não tem o meio termo. Um irmão trabalhador e os outros preguiçosos; uma menina boa e inocente e um lobo cheio de maldades; uma irmã linda e as outras feias. Segundo Bettelheim (1985), a oposição dos personagens tem o propósito de frisar o comportamento correto, isto é, a criança pode compreender que existem grandes diferenças entre as pessoas, e conseqüentemente, notar que o indivíduo tem que fazer opções sobre quem quer ser. Essas escolhas são baseadas pelos personagens que despertam simpatia e antipatia.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1985, p. 20).

Para Bettelheim (1985) essas histórias representam, de maneira imaginativa, o processo de desenvolvimento humano, despertando a atração das crianças para fazer parte de tal processo. O autor ressalva que os contos de fadas contribuem positivamente para o desenvolvimento interno da criança. Essas histórias fazem com que a fantasia da criança, aplique sobre ela mesma, aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humana, tendo em vista que por meio destes contos a criança tem a possibilidade de pensar e experimentar o mundo.

Vera Teixeira de Aguiar (apud AMBRAMOVICH, 2001, p.120) exemplifica a importância da estrutura dos contos de fadas para as crianças:

Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria carência afetiva, conflito entre mãe e filho) que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc...). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem, à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

Em suma, Aguiar (1990 apud AMBRAMOVICH, 2001) defende que as crianças se utilizam dos contos de fadas para enfrentar os problemas reais que estão passando naquele momento. Acredita-se que estes recursos mostram para as crianças que as dificuldades podem ser vencidas, por mais ameaçadoras que estas possam parecer, auxiliando no amadurecimento psicológico das crianças e instruindo-as a aceitar e lidar com determinadas situações.

Segundo Bettelheim(1985):

Os contos de fada têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETELHEIM, 1985, p. 16).

Portanto, cabe ressaltar que os contos de fadas são gêneros literários compostos por diversos significados, podendo ser explorados em seus diferentes aspectos, com personagens marcantes e bem definidos em suas peculiaridades, sugerindo solução para lidar com os problemas psicológicos, enfim, são histórias simples e claras, que têm a capacidade de entender o pensamento infantil, estimulando as crianças à leitura e à imaginação, possibilitando que estas entrem no mundo da magia, sem se sentirem inferiores.

3.2 UMA VIAGEM NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO: A HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS

Segundo Galhiardi e Amaral (2001) se analisarmos o contexto histórico, verificaremos que :

Os contos de fadas são histórias muito antigas. Sua origem se perde no tempo. Sabemos que, no início de sua existência, eles eram transmitidos de boca em boca: quem ouvia uma história memorizava e contava-a para outras pessoas, que faziam o mesmo. Assim eles fazem parte da herança cultural que conhecemos como tradição oral. A tradição oral é um modo de conservar conhecimentos e transmití-los de uma geração para outra pelas conversas, pelas histórias, sem registros escritos (GALHIARDI; AMARAL, 2001, p. 15).

As autoras afirmam que os contos foram mudando ao longo dos séculos, pois como diz o velho ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto”, isto é, ao recontarem uma história as pessoas modificam-a. Nesse sentido as referidas autoras expõe ainda que:

Os contadores adaptam as histórias aos diferentes públicos a que se dirigem. Eles são influenciados por seu tempo e pelo lugar onde vivem. Assim as histórias sofrem mudanças, porque incorporam os modos de vida e de pensar das pessoas das diversas épocas e regiões por onde circularam e circulam (GAGLIARDI; AMARAL, 2001, p. 15).

Como explicam as autoras, os contos de fadas, eram transmitidos oralmente. Entretanto, um dia, isto virou um livro. Como isso ocorreu?

No século XVI algumas pessoas acharam importante registrar essas e outras histórias em livros, para que elas não fossem esquecidas, mas somente durante o século XVII que a literatura infantil se constitui como gênero, lembrando que antes disso não se escrevia para as crianças, pois segundo Zilberman (1987), por não haver “infância”, nesse período não existia uma consideração especial para a criança, essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente e nem o mundo da criança como um espaço separado.

Segundo Gagliardi e Amaral (2001) os primeiros livros infantis foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII e, dentre eles estão: As Fábulas, de La Fontaine (1668 e 1694), os Contos da Mamãe Gansa, de Charles Perrault (1697), As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon (1717). Entretanto Perrault foi o responsável pela primeira revolução na literatura infantil, seu livro provoca preferência pelos contos de fadas, para Gagliardi e Amaral (2001, p. 16) “esse livro traz algumas das histórias que era, passadas de boca em boca naquela época, como por exemplo, A Bela Adormecida no bosque, O Gato de Botas, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e o Pequeno Polegar”.

Como podemos observar, a publicação desses contos continua sendo feita até hoje, em diferentes versões, de acordo como o país e o público para qual são direcionadas. Para Gagliardi e Amaral (2001, p. 16) “da versão original de Perrault até as versões de Walt Disney, muita coisa já foi alterada (ilustrações e trechos da história), mas muitos elementos permanecem, o que nos permite perceber que são os mesmos contos”.

No Brasil, somente em meados do séculos XIX e no século XX, surgiram obras nacionais a partir de Monteiro Lobato. Isso foi muito importante para a literatura infantil , não só pelo fato do brasileiro consumir bens culturais, mas também pela importância da busca de saberes no novo modelo social.

Ao analisarmos o contexto histórico da literatura infantil, nota-se que os contos de fadas sempre se sobressaíram diante das obras literárias produzidas para crianças.

Atualmente, temos diversos escritores produzindo livros infantis, e contamos com uma grande variedade de temas a serem trabalhados com os pequenos. Pode-se dizer que a literatura infantil deu um “salto” significativo há alguns anos atrás, dispondo uma maior quantidade de livros literários com qualidade.

3.3 O ENCANTAMENTO PROVOCADOR PELOS CONTOS

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.[...] Uma mente mais rica possibilita que sejamos flexíveis emocionalmente, capazes de reagir adequadamente, a situações difíceis, assim como criar soluções para os nossos impasses. Certamente, essas qualidades, dependem de que tenhamos recebido um suporte adequado na infância (CORSO; CORSO, 2006, p. 303).

Sabe-se que o interesse na leitura se faz num processo contínuo, que se inicia na família, reforça-se na escola e continua ao longo da vida, por meio das influencias culturais que o indivíduo recebe. A leitura deixa marcas intensas na vida e na formação do indivíduo, podendo mudar sua realidade econômica, social e intelectual. Portanto, pais e professores precisam criarem situações das quais as crianças ouçam muitas histórias, proporcionando por meio da oralidade o primeiro contato com o texto, porque ouvir também é uma forma de ler. A contação ou leitura das obras é uma condição essencial para os professores da educação infantil.

Ressaltar a importância dos contos de fadas como um recurso que dispõe de magia e ficção, significa dizer que essas histórias devem ser ricas e de qualidade, o que é diferente de histórias compostas somente por finais felizes.

Uma boa história dispõe de novas descobertas, das quais as crianças não conseguem perceber por si só. Bettelheim (1985) ressalta em seu livro a importância dos contos de fadas, apresentando a eficácia deste na vida e formação das crianças, tendo como base suas contribuições psicológicas.

De acordo com o autor as crianças têm dificuldade em separar os objetos das coisas vivas, ou seja, não conseguem diferenciar seu pensamento de uma simples escrita, isto faz com que elas compreendam a realidade e fantasia concomitantemente. No mundo do faz de conta, a criança se coloca no lugar do personagem, vivenciando as diferentes situações apresentadas nos livros. Elas “dividem” as pessoas que estão ao seu redor em boas e más. “Divide-se” a ela própria, quando não se assume como culpada de coisas que fez e que a desgostam. Para ela, isto é a preservação do lado bom contra o lado mau.

Além das qualidades dos personagens, tanto os bons quanto os más, pode-se notar também as comparações feitas entre eles, por exemplo: “a bruxa era tão poderosa que [...]”; “menina branquinha como a neve”; “o príncipe era tão forte que [...]”; “o patinho era tão feio que [...]”.

Acredita-se que essas qualidades e comparações apresentadas nos contos de fadas representam a formação de valores morais e étnicos, fazendo com que a criança distinga as atitudes dos personagens e construa as suas, percebendo a si própria e ao próximo.

Bettelheim (1985) salienta que os contos de fadas podem auxiliar na elaboração dos conflitos psicológicos da criança. Segundo o autor dependendo do modo como a história é contada, isto é, se ela é contada de maneira clara e desperta o interesse, a criança consegue relacionar os diversos aspectos expostos com a sua personalidade, favorecendo o desenvolvimento psicológico desta.

O contato com o maravilhoso universo dos contos proporciona às crianças acesso ao conhecimento emocional. Esses contos encantadores conduzem os pequenos ao pensamento crítico, ensinando-os a enfrentar as situações que lhes são impostas. Eles trabalham com muitos problemas que incomodam as crianças, encorajando-as e apontando alguns caminhos para a resolução destes.

Bettelheim (1985) destaca que os contos de fadas são as histórias que mais agradam e atendem as necessidades infantis, devido a isso é relevantes serem trabalhadas. Entretanto, o referido autor afirma que, se tentarmos esclarecer a uma criança a necessidade de trabalhar com os contos, mostrando a diferença do mundo real ao mundo da fantasia e apontando porque os contos de fadas a encantam tanto, podemos destruir o maravilhoso da história. Por isto, temos que deixar os alunos desvendarem e interpretarem a história, isso não quer dizer que o professor estará afastando a criança do mundo real, mas sim colaborando para que ela se entenda e perceba o seu mundo, seus anseios, prazeres, carências, perdas e buscas. Momentos como estes, nos quais a imaginação e a fantasia estão presentes são extremamente necessários para o desenvolvimento da criança.

Para Bettelheim (1985) os contos de fadas podem consolar mais a criança do que um adulto. Geralmente elas acreditam nos contos de fadas, porque a opinião contida nessas histórias vai ao encontro da sua.

Muitos adultos acreditam que essas histórias proporcionam respostas extraordinárias às crianças, porém não tão verdadeiras, devido a isto, se recusam colocar a criança em contato com os contos de fadas. Contudo, cabe destacar que explicações realistas são, muitas vezes, enigmáticas para as crianças, porque elas necessitam de explicações abstratas, para que as informações tenham sentidos (BETTELHEIM, 1985).

Concorda-se com Bettelheim (1985), visto que uma explicação fundamentada por um adulto, que utiliza de uma linguagem fora do vocabulário infantil, pode deixar a criança mais insegura e confusa ainda.

Mesmo sabendo que essas crianças nunca serão príncipes ou princesas e nem felizes para sempre, a segurança e experiência que esses contos transmitem faz com que os sujeitos consigam superar suas dificuldades e se tornarem mais autônomos.

A história real que vivenciamos na sociedade contemporânea composta por injustiça, violência, desigualdade, é muito difícil de ser aceita. Entretanto, mesmo que a ficção encontrada nos contos de fadas não consiga mudar essa realidade, ela pode ao menos enriquecê-la por meio da leitura.

3.4 A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS

A arte de contar histórias é um importante instrumento no processo educativo, pois possibilita ao educador obter subsídios positivos no redirecionamento de seus trabalhos. Coelho (2001, p. 13) destaca que já é “constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento.”

Segundo Borges e Bortolin (2009), para ler uma história ou até mesmo para ser um contador de história não é preciso ter “dom”, mas ser sensível às maravilhas que a história pode oferecer. As referidas autoras afirmam que todos têm a capacidade de ser contadores de história e a habilidade para lê-las. Contar história faz parte do cotidiano e esse é ato praticado constantemente, seja por meio de um fato ocorrido, um desabafo ou uma conversa, qualquer pessoa conta uma história, pois é um ato natural do ser humano.

Contudo, para que uma história seja bem contada e atinja o público ouvinte, Coelho (2001, p. 13) salienta: “o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam”. De acordo com a autora, o narrador tem que buscar a melhor forma e o melhor recurso para apresentar a história. Ele também precisa conhecer o interesse do ouvinte e proporcionar histórias adequadas conforme a idade dos alunos e suas condições sócio-econômicas.

Coelho (2001) descreve o que deve ser proporcionado para cada faixa etária na educação infantil. Ele classifica que as crianças de até 3 anos estão na fase pré-mágica, em que deve ser enfatizado histórias de bichinhos, brinquedos, objetos e seres da natureza. Dos 3 até os 6 anos, as crianças se encontram na fase mágica, neste período deve ser trabalhado histórias acumulativas e com repetição; histórias de fada; ele relata que em um primeiro momento as crianças preferem histórias com curto enredo, depois optam por enredos mais longos. Para o autor, ambas as fases devem conter um enredo simples, vivo e atraente.

O tempo de duração da história deve estar de acordo com a idade do sujeito ouvinte. Lima (2005 apud LIMA; GIROTTO, 2009) defende que na educação infantil, as crianças têm mais dificuldade de permanecer muito tempo ouvindo histórias, principalmente se a professora não provoca certo interesse nas crianças,

chamando a atenção destas por meio de diferentes recursos e inserindo a prática de contar e ler histórias como parte da rotina escolar.

A referida autora aponta que a hora do conto ou a hora da história é um momento fundamental na rotina de trabalho com crianças pequenas, tendo em vista que o período dos primeiros anos de vida é aquele em que o indivíduo se desenvolve de forma acelerada, aperfeiçoando a percepção, atenção, memória, pensamento e comunicação.

A fim de mexer com o imaginário infantil, é interessante que o professor cante com a turma uma música antes de começar a narrar à história: “eu vou te contar uma história, agora, atenção! Que começa aqui no meio da palma da tua mão. Bem no meio tem uma linha ligada ao coração. Quem sabia dessa história antes mesmo da canção? Dá tua mão, dá tua mão [...]” (Palavra cantada). Feito isto, Borges e Bortolin (2009) sugerem que sejam utilizadas frases tradicionais para começar e terminar uma história, assim como:

[...] “era uma vez”, “há muito tempo atrás”, “no tempo em que os bichos falavam”, “no tempo em que a galinha tinha dentes”, “numa floresta muito distante daqui”; “entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra”, “minha história acabou, um rato passou, quem o pegar, poderá sua pele aproveitar” (BORGES; BERTOLIN, 2009, p. 3).

Mesmo tendo inovações ao narrar textos, deve-se cuidar para que a história continue com sua essência e preocupar-se em trabalhar a emoção e a imaginação do sujeito ouvinte. Nesse sentido, destaca-se que a qualidade dos livros que se lê é fundamental, visto que o uso destes é muito significativo para o desenvolvimento e formação da criança. Eles podem transformar a vida de um sujeito e aprofundar o conhecimento.

É preciso ter cuidado ao apresentarmos livros às crianças, pois o momento de contar e ler histórias são oportunidades preciosas, porque uma boa contação estimula a imaginação, apresentando as mais diversas emoções e situações que esta pode vivenciar.

Ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar, com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (AMBRAMOVICH, 2001, p. 17).

O narrador precisa interpretar a história lida como algo real, vivenciado por ele, para que assim possa chamar a atenção e despertar o interesse de seus alunos. Independentemente se o narrador preferir contar a história sentado no chão, ou em uma cadeira que o deixe a altura dos pequenos, para poder olhar nos olhos destes, ou até mesmo em pé, para Busatto (2008, p. 69) o importante é que ele se sinta acomodado. A autora aponta que se o narrador optar por contar em pé, deve estar atento “para que a sua movimentação não seja excessiva, pois isso poderá retirar a força do texto e dispersar a platéia”. Todavia, se o narrador optar por contar sentado, para Busatto (2008, p. 70) “ele estará mais próximo da prática de do contador leigo, do que o contador urbano”. A referida autora prossegue afirmando que “se contar em pé nos permite maior flexibilidade, por outro lado também nos expõe mais”.

É importante que o narrador saiba utilizar a expressão corporal e a voz como um grande recurso, a fim de imitar os personagens que fazem parte do enredo, mas isso deve ser feito com naturalidade, sem exageros, para que a criança fique envolvida pelo encantamento e pela fantasia apresentada no conto.

Caso ocorra de algum aluno interromper para dizer algo, Coelho (2001, p. 55) sugere:

Em nenhum caso, o contador interrompe a narrativa. Se for um adendo, confirma-o com um sorriso, uma palavra, um gesto de assentimento. Na segunda hipótese fixa o olhar na direção de quem interrompeu, sorri e com um gesto pede-lhe para aguardar. Concluída a narração, imediatamente pergunta-lhe o que estava querendo dizer ou indagar, dando-lhe oportunidade de expandir-se.

O autor afirma que “as crianças que interrompem com freqüência e mostram sinais de indisciplina são as que mais necessitam ouvir histórias” (COELHO, 2001, p. 56). Portanto, é conveniente que o educador faça alguns combinados juntamente com a turma, estabelecendo aquilo que pode ser feito na

hora do conto e no canto da leitura, com a finalidade de ensiná-los a respeitarem esses momentos, para que se possam ter uma melhor exploração e aprendizagem.

Elizagary (apud AMBRAMOVICH, 2001, p. 20), por sua vez, recomenda uma atitude muito importante a ser tomada:

O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuose que sabe o seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema.

Acredita-se que é fundamental que o professor da educação infantil saiba como contar histórias para os seus alunos, e realize essa prática diariamente, pois é neste período que a criança deve ser fortemente estimulada à leitura, possibilitando-a um caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Expor as crianças ao contato com o livro durante a infância pode levá-las ao sucesso escolar. Normalmente, as crianças que têm acesso a um ambiente letrado criam maior interesse pela leitura, portanto, se o professor apresenta livros de qualidade aos seus alunos, aguça e instiga o gosto pela leitura por meio do lúdico e do diferente, gera um interesse maior por parte das crianças em ouvir as histórias, e futuramente lê-las.

Entretanto, é preciso esclarecer que há diferenças entre ler, contar e representar histórias, mesmo que ambas envolvam uma preparação. Para ler uma história o narrador se apóia no livro; já o ato de contar história depende da memória do contador, Busatto (2008) ressalva que em uma narrativa, o contador é quem “irá conduzir a história de tal forma que um pequeno gesto, empregado à fala de um personagem, crie para a criança todo o referencial necessário para que sua imaginação se encarregue do resto” (BUSATTO, 2008, p. 76); diferentemente das características apresentadas acima, a representação de uma história envolve ações mais exatas dos personagens, “sua voz, seu pensamento, de tal maneira que ele se apresente inteiro para quem esteja assistindo.” (BUSATTO, 2008, p. 74).

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e som, a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (AMBRAMOVICH, 2001, p. 18).

É necessário ressaltar que uma história não deve ser apresentada aos alunos de qualquer jeito, ela deve ser planejada e contada com segurança e naturalidade pelo professor. Quem se sujeita a contar ou ler tem que observar as diversas características dos diferentes elementos que a compõe, familiarizando-se com os personagens e transmitindo as emoções. É preciso criar um clima, sabendo pausar na hora certa, dar um “tempo” para que as crianças internalizem o que ouvem.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam e quem as ouve (AMBRAMOVICH, 2001, p. 17).

Os contos de fadas, por exemplo, permitem à criança experimentar esses sentimentos. Nesse sentido, valoriza-se, nessa pesquisa, o trabalho em sala de aula com tal gênero textual. Além de o sujeito ouvir a história, ele pode ser cativado a participar dela também, refletindo sobre o personagem que mais se identificou, por que, se gostou ou não da história, qual o sentimento que lhe causou o texto (emoção, tristeza, medo, amor, dificuldades, carências, perdas, buscas, angústia, raiva, etc.). A vivência de tais sentimentos por meio da leitura auxiliam a criança a superar as etapas do crescimento, possibilitando ampliar a experiência da criança. Todavia, deve-se ressaltar que, às vezes, a criança pode ficar um pouco confusa entre aquilo que é real e o que não é, mas conforme ela vai amadurecendo, passa a compreender a história como uma representação de um universo que não existe.

Ambramovich (2001) ressalva que esses contos fazem parte de um universo fantástico e surgem de uma situação real, trabalhando com os sentimentos das crianças, visto que as histórias não revelam o tempo nem o espaço em que acontecem, mas abrem as portas para quem quiser entrar e fazer parte delas. Os personagens vivenciam diferentes situações, das quais, têm que encontrar uma solução para resolver os problemas que aparecem no decorrer da história, convidando a criança a uma viagem, por meio da imaginação, para que juntos percorram o caminho e vençam os obstáculos.

“Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador. A maneira como enxergamos o conto será a mesma maneira que o outro irá vê-lo” (BUSATTO, 2008, p. 47). Portanto, a história tem que ser contada com emoção, para motivar as crianças. A afetividade entre o narrador e a história, permite observar como ela está sendo aceita pelos ouvintes, deixando-a mais rica e encantadora.

Não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos aprimorar dele para encantar, é necessário a consciência de que ‘o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria’ (BUSATTO, 2008, p. 82).

O mundo dos contos de fadas é composto por diversas letras, que, quando articulado às ilustrações auxiliam para que o ato de ler e de contar histórias se tornem mais cativantes, permitindo que as crianças entrem neste cenário de faz-de-conta.

Sabe-se que o professor tem um papel muito importante em relação ao desenvolvimento da leitura. Nesse sentido, considerando o exposto, acredita-se que ele deva estimular seus alunos e, para isso, sugere-se que sejam utilizados variados recursos e usufruídos de diferentes espaços na escola, a fim de buscar lugares ideais para narrar, não se limitando somente à sala de aula.

3.5 POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA ESCOLA

Diante do que foi exposto nesta pesquisa e tendo como base os estudos de diversos autores sobre a importância de incentivar o aluno ao ato de ler por meio dos contos de fadas, surge a necessidade de apresentar algumas possibilidades de utilização desses contos na escola. Acredita-se que essas possibilidades podem nos amparar como futuros professores.

Primeiramente, cabe ressaltar que o professor tem um leque de opções para contar uma história, e fazer dela um verdadeiro tesouro, mas é preciso

usar a criatividade. Todavia, o planejamento e a leitura prévia são essenciais para apresentar um conto aos alunos.

Antes de começar a ler a história é interessante estabelecer uma breve conversa sobre o livro, levantando as referências que os alunos já têm sobre o assunto, se já ouviram falar da história e seus conhecimentos sobre os personagens. Isso também pode ser feito quando a história finaliza, o professor deve conversar com seus alunos, responder às dúvidas apresentadas, levantar alguns pontos relevantes, instigar os alunos a falarem o que gostaram e o que não gostaram da história e debater para uma melhor interpretação.

As histórias, tanto as contadas como as lidas podem se desenvolver por meio de recursos simples (como: narrativa, com ou sem o uso do livro, gravuras, fantoches, desenhos, slides, músicas, teatros, etc.). Entretanto, independente do modo que o docente prefira, é necessário que este entoe uma voz específica para cada personagem e a história desperte o interesse tanto do narrador quanto do ouvinte.

Dramatizar um conto de fadas, ou adaptá-lo para um teatro com fantoches, dedoches, luvas ou máscaras de personagens torna a história mais enriquecedora ainda, visto que esses recursos possibilitam o diferencial, e geralmente, consegue prender mais a atenção dos alunos, gerando maior interesse destes para com a história.

A dramatização pode ser feita tanto pelo professor, ao narrar uma história, quanto pelo aluno, após ouvir uma história. Coelho (2001) ressalva que existem alguns enredos que são mais adequados para a dramatização realizada pelos alunos, ou seja, enredos com repetição de movimentos e fáceis de gravar. Os participantes escolhem o papel que querem representar, sem ser necessário caracterizar o vestuário e o cenário. O professor deve deixar que os alunos ajam livremente. Para o autor, este trabalho além de ser muito vantajoso, ajuda a desinibir os tímidos.

A hora do conto também pode ser trabalhada por meio da utilização das “Caixas que contam Histórias”. Lima e Giroto (2009) defendem que essa metodologia tem a capacidade de atrair as crianças no desenvolvimento dessa atividade, buscando mobilizar algumas capacidades mentais, isto é, “a memória, a atenção e a percepção voluntárias, a imaginação, a linguagem oral, o pensamento, as emoções, a função simbólica da consciência, a vontade” (LIMA; GIROTO, 2009,

p. 7). É importante ressaltar que a “Caixa que conta Histórias” é conhecida pelos seus diferentes elementos reciclados: uma caixa de sapatos encapada que conte a história de um determinado livro e materiais reciclados que ilustrem a literatura selecionada.

Por meio da imaginação também podem ser criados os aventais e os tapetes que “contam histórias”. Os aventais, por exemplo, são pintados como telas, e neles são expostos alguns cenários da história contada. Já os tapetes, podem ser montados com retalhos de tecido. Acredita-se que esses instrumentos mágicos estimulem os alunos a descobrir as maravilhas que se pode encontrar na literatura.

Desenvolver um projeto convidando os pais para irem até a escola e contar um conto aos alunos também é uma proposta bem interessante, pois estes podem trazer alguma idéia nova e diferente, resultando em uma maior proximidade entre pais, alunos e o ambiente escolar.

O “livro de imagem”, isto é, aquele modelo de livro composto somente por ilustrações sem a escrita, é defendido por Faria (2004) como um recurso que deveria ser mais explorado pelos professores, tendo em vista que sua linguagem é caracterizada por meio da articulação de imagens.

Neste sentido, Amramovich (2001) também defende a importância das histórias sem texto escrito para as crianças. A autora salienta que essas histórias constroem uma narrativa completa, por meio de uma seqüência que não necessita de palavras.

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo [...] (AMBRAMOVICH, 2001, p. 33).

De acordo com Amramovich (2001), no Brasil, há algumas décadas, foram lançados livros com possibilidades gráficas, no entanto, com o decorrer do tempo, pararam, e somente nos últimos anos que começaram a surgir livros deste modelo. Os livros sem texto que podemos encontrar atualmente são fascinantes, eles encantam crianças por se utilizarem de movimentos e muita cor de forma alegre, cativante e inteligente.

Essas histórias tanto podem ser contadas apenas, como também aprofundadas na leitura da imagem e da narrativa, desenvolvendo assim, a capacidade de observação, comparação, levantamento de hipóteses, análise e raciocínio (FARIA, 2004, p. 59).

É necessário que seja proporcionado aos alunos visitas à biblioteca, pois esses momentos são essenciais para a formação de futuros leitores, tendo em vista que a biblioteca é um ambiente propício para que as crianças entrem em contato com o livro, ouvindo-o, manuseando-o e até mesmo lendo-o, de acordo com a idade e o grau de alfabetização. Ambramovich (2001) defende que o professor deve levar os alunos até a biblioteca e deixá-los manusear, buscar, achar, repensar, rever, reescolher, e separar aquele livro que lhe desperta a curiosidade naquele momento. Todavia, para que isso ocorra é necessário que o professor esteja disposto a ler muito mais livros, porque na maioria dos casos o leque de alternativas oferecido aos alunos é pequeno.

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (AMORIM, 2009) apontou que de 3 a cada 4 brasileiros não frequentam bibliotecas, sendo que a maioria dos leitores que vão até ela são crianças e adolescentes na fase escolar, dentre estes 46% não possuem o hábito. Acredita-se que o professor deve proporcionar aos alunos uma interação maior com este ambiente, pois de acordo com Sandroni e Machado (1998) a biblioteca é um lugar onde o aluno pode ser condicionado a gostar de ler, porque ela apresenta uma variedade de opções de literatura, facilitando a livre escolha e promovendo o contato agradável com o livro.

O canto de leitura também é um espaço muito significativo, até mesmo para os alunos que não sabem ler, pois com um livro ilustrado na mão, o aluno constrói uma narrativa que possui uma série de sequências sem precisar de palavras, as crianças podem criar uma história apenas com a cena ilustrada.

Para introduzir a proposta do canto de leitura é essencial que a sala contenha uma diversidade de livros de boa qualidade, possibilitando às crianças a escolherem aquilo que desejam ler, estabelecendo uma aproximação com os livros. Um canto confortável atrai o indivíduo para passar momentos com seu colega, apresentando curiosidades, manuseando um livro e contando histórias. Por isto, este canto deve ser aconchegante, podendo ser no chão com um tapete e diversas almofadas ou também nas mesas (CANTOS..., 2009).

O Projeto IBM (CANTOS..., 2009). afirma que o professor não precisa ter receio de que os alunos estraguem os livros, pois a criança só aprenderá a ter cuidado com estes instrumentos a partir do momento que ela tiver contato com eles. Contudo, o professor pode fazer alguns combinados com a turma, conversando sobre os cuidados a serem tomados com os livros que estão no canto da leitura. O importante é que as crianças se interessem em desvendar no que há nesse universo maravilhoso da leitura.

De acordo com Coelho (2001, p.59) “a história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança, que incorpora como um alimento de sua imaginação criadora”. Desse modo, acredita-se que os contos de fadas têm um grande valor por si só. Sendo assim, nem todas as vezes que se lê um conto são necessárias atividades subsequentes. Nesse sentido Bettelheim (1985), defende que a magia dos contos de fadas está no ato de contar.

No entanto, Busatto (2008) apresenta diferentes formas de trabalhos que podem ser realizadas por meio do conto de literatura no contexto pedagógico. Para a ela após a narração pode-se trabalhar com conteúdos de linguagem oral e escrita, possibilitando a realização de novas leituras do mesmo conto e a tradução deste por meio de diferentes linguagens, isto é, história em quadrinhos, reportagem jornalística, texto teatral, poema.

A autora ressalva que os contos de fadas podem ser abordados e pesquisados em diversas áreas do conhecimento. Na área da Arte, por exemplo, pode recriá-lo por meio da linguagem corporal, visual, sonora e cênica. Ela explica detalhadamente como isso pode ser feito:

Linguagem visual (pintura, desenho, construções tridimensionais, vídeo, informática: criar uma página sobre o conto); corporal (explorar concepções coreográficas, improvisações que pesquisem a ocupação espacial, e as noções de direção, plano, dimensão, força, ritmo, qualidade do movimento; explorar a dança do povo que dá origem no conto); sonora (pesquisar as onomatopéias sugeridas por este conto, musicalizá-lo a partir de sons produzidos por nosso corpo e outras fontes sonoras; pesquisar e exercitar a música daquele povo, as canções infantis, a música regional); cênica (improvisações livres sobre temas apresentados pelo conto, construção de personagens, pesquisa de figurinos pertinentes à época retratada pelo conto, roteirizar o conto, enfim, fazer um espetáculo teatral) (BUSATTO, 2008, p. 39).

Busatto (2008) prossegue apontando possibilidades de utilização dos contos de literatura em outras áreas também, assim como, Geografia, através da construção de mapas, observando os aspectos relevantes da região de origem; História, podendo estudar a história do conto; Ciências Naturais, possibilitando o aluno analisar o ambiente que vivem os personagens, quem são, quais são seus hábitos.

A autora destaca que o professor deve trabalhar de acordo com o desenvolvimento da criança e sua série, podendo realizar projetos nos quais as diversas áreas estejam interligadas.

Para que tenhamos futuros e bons leitores, é relevante desenvolver nos alunos o compromisso com a leitura. Desse modo a escola precisa se mobilizar internamente mostrando que para aprender a ler necessita-se de esforço. A partir do momento em que os alunos sentirem a leitura como algo desafiador, eles terão mais autonomia para praticá-la. Sendo assim, a escola deve sempre repensar a sua metodologia na prática da leitura.

Para muitas crianças a escola é tida como o único lugar que se tem contato/acesso ao livro, e não há como descartar a importância que este ambiente possui no sentido de priorizar a literatura desde os primeiros anos. Utilizar os livros somente no processo de ensino-aprendizagem com o intuito de estudo e pesquisa torna formal e difícil aquilo que deveria ser mais agradável. Portanto, é interessante que os professores busquem livros que ensinem a criança com ludicidade, e que isso seja trabalhado a partir da Educação Infantil, proporcionando aos alunos um contato diário com a literatura.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988), o fracasso no ensino da literatura pode estar relacionado à dificuldade de informações que os professores encontram para mudar a sua metodologia atual ou também ao fato de muitos docentes não se permitirem uma expansão de conhecimentos.

Para finalizar cabe ressaltar que “há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho ou chato [...]” (AMBRAMOVICH, 2001, p.163). Os adultos devem proporcionar às crianças esse contato com o livro, de modo que a leitura seja vista como algo encantador e não como uma obrigação, pois a cobrança nunca é a melhor opção para que se desenvolva a vontade.

4 O QUE DIZEM OS FORMADORES DE LEITORES E A LITERATURA

No decorrer desta pesquisa, ao levantar alguns dados sobre a importância dos contos de fadas para a formação de leitores, buscamos informações sobre o referido tema, e para maiores fundamentações sobre essa questão, realizamos entrevistas junto a especialistas da área, com a finalidade de complementar as informações obtidas, visando auscultar opiniões e sugestões e relacioná-las neste estudo.

Para tanto, fizemos uma pesquisa de campo com os seguintes sujeitos:

SUELI BORTOLIN (denominado: entrevistado 1)	Formação em Biblioteconomia, Mestre em Ciências da informação. Pesquisadora e praticante da mediação de leitura literária.
CLEU BUSATTO (denominado: entrevistado 2)	Formação em Pensamento Transdisciplinar, Mestre em Teoria Literária. Escritora, mediadora em projetos de leitura e literatura e contadora de histórias.
NEUZA CECILIATO (denominado: entrevistado 3)	Formação em Letras, Mestre e Doutora em Literatura da Língua Portuguesa, Pós-doutora em Teoria Literária. Professora e pesquisadora da Área de Literatura: Teoria Literária, Literatura Infanto-Juvenil, Ensino da Literatura.
ROVILSON SILVA (denominado: entrevistado 4)	Formação em Letras, Mestre em Literatura, Doutor em Educação. Diretor de Biblioteca, professor universitário e do magistério.
IRIS VALE (denominado: entrevistado 5)	Formação em Letras, especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Técnica Pedagógica da Secretaria da Educação do Paraná.

Quadro 1 – Formação e área de atuação dos entrevistados

Esses participantes foram selecionados devido ao papel social que representam na educação em Londrina com a repercussão no Paraná, em especial, pelos trabalhos que realizam com a prática de leitura do texto literário.

Aos entrevistados foi aplicado um questionário contendo 7 questões referentes à relação entre escola, leitura e literatura, a contribuição dos contos de fadas para a formação do aluno leitor e as possibilidades de trabalho com os contos, visando o incentivo à leitura, entre outras coisas. Os questionários aplicados serviram para fortalecer a discussão apresentada nesta pesquisa.

4.1 ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS

De acordo com as respostas obtidas nos questionários, teremos uma visão de como pode ser trabalhado o incentivo ao gosto pela leitura a partir dos Contos de Fadas e da Literatura de modo geral, na concepção de especialistas da área.

Entrevistado 1	"Adoto como teoria e prática a concepção Paulo-Freireana de leitura no sentido amplo, desde a leitura de mundo, passando pelos diversos suportes de textos e diversificadas linguagens. Sem esquecer a leitura por meio da oralidade."
Entrevistado 2	"Uma leitura que amplie as perspectivas e expectativas do sujeito-leitor, tanto no nível do prático e epistemológico, como no emocional e simbólico."
Entrevistado 3	"Leitura como meio de inclusão do sujeito social no mundo contemporâneo. Vigora hoje uma concepção de Leitura muito ampla, não se restringindo ela apenas à linguagem verbal. Fala-se em leitura da imagem, do filme, do quadro, da natureza, enfim, há uma ênfase muito grande sobre a necessidade do indivíduo de se relacionar com a realidade social e cultural por meio da leitura. Neste sentido, a leitura pode ser considerada como um meio de apreensão do mundo circundante."
Entrevistado 4	"A leitura é um elemento para libertar, ela é um elemento para que a pessoa possa encontra-se e encontrar o mundo que a rodeia. A leitura é uma das possibilidades existentes no mundo."
Entrevistado 5	"Leitura enquanto produção de sentidos, na qual o leitor é co-autor do texto."

Quadro 2 – Qual concepção de leitura você defende?

A maioria dos entrevistados defende uma concepção de leitura em que o leitor é co-produtor do texto, tem um papel ativo ao atribuir significados e sentidos ao que lê, por meio de uma interação entre autor-texto-leitor. Esse ato é dialógico, interlocutivo.

Essa presença ativa do leitor é defendida, também, por Brandão e Michelette (1997, p. 19):

Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura; se o leitor é aquele que vai fazer "funcionar" o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode caracterizar como uma atividade passiva. Ao contrário, para essa concepção de leitura, o leitor é um elemento ativo no processo.

Ao analisarmos as respostas, destacamos, ainda, a ampliação dada ao conceito de leitura: não apenas o texto verbal, mas o não-verbal e as outras linguagens (cinema, música, rádio, etc.) permeiam essa prática.

Entrevistado 1	“Primeiro ler com os alunos e não para os alunos, isso exige entrega aos textos. Respeitar os desejos e interesses dos alunos. Propor atividades literárias sem cobranças avaliativas. Ser cúmplice nas leituras, mas também indicar leituras. Manter um ambiente em que a leitura esteja sempre presente e não apenas num determinado horário e local. Ser leitor, ampliando as possibilidades de ser imitado.”
Entrevistado 2	“Inicialmente trabalhar com textos significativos, ou seja, com uma literatura que instigue o leitor e alargue seu horizonte pessoal. Para que isso se efetive, eu penso num texto comprometido com uma estrutura literária, que abre espaço para diferentes níveis de realidade e assegure a imersão do sujeito nas suas tramas. Uma literatura, cujos ecos do texto repercutam no seu mundo interior, cujas imagens e luzes ampliem o olhar que o sujeito tem de si próprio e do mundo que o cerca.”
Entrevistado 3	<p>“Leitura de textos não ficcionais: propostas metodológicas para os professores:</p> <p>a) deixarem os alunos livres para lerem o que desejam;</p> <p>b) levarem os alunos à reflexão sobre o que leram;</p> <p>c) oferecer subsídios para que os alunos percebam a forma de organização dos textos (análise lingüística), destacando o ponto de visto dos autores</p> <p>Leitura de textos literários: proposta aos professores:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura livre dos alunos; ▪ Em sala de aula, seguir três níveis de leitura: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura personalizada: leitura primária - “Ler para mim”: deixar o aluno ler sozinho, permitindo-lhe sentir o que o texto diz para o leitor naquele momento. Possibilitar que ele expresse suas emoções diante do que leu, deixá-lo falar livremente sobre o texto. ▪ Leitura coletiva: formação de um círculo de debate com a exposição oral dos alunos de suas impressões de leitura. Discussão e comparação das leituras realizadas. ▪ Leitura Crítica: Momento da saída da leitura coletiva e entrada na leitura reflexiva e crítica com a contextualização histórica do texto e do autor. Ampliação da leitura primária com o estudo de textos da Crítica Literária, História Literária e Teoria Literária. <p>Com crianças muito pequenas, apenas a Leitura personalizada; com crianças até + ou – 10 anos, chegar à leitura coletiva e com crianças e adolescentes chegar à leitura crítica.</p>
Entrevistado 4	“Primeira coisa ela é simples, ela é básica. Deixe o livro chegar até o aluno, deixe a revista, o jornal, o material de leitura chegar até ele, isto já elimina inúmeras barreiras. Outro aspecto, vá para a leitura de seus alunos sem preconceito, ouça o que ele tem a dizer, converse com ele sobre o que ele leia e tudo sobre o que ele lê, sem preocupação de ficar mensurando se isso é bom ou se não é bom. Você não consegue conquistar o leitor se você já chega mostrando para ele que o que ele lê é ruim, que talvez aquilo que você julga é mais importante ele não lê, não é dessa forma, então a primeira coisa que deve ser feita é a acolhida, quem esse leitor, se interesse por ele, se interesse pelo o que ele lê, porque na medida em que ele te der pista de que leitura ele é, você pode, quem sabe nessa trajetória ir sugerido outras leituras, e ao mesmo tempo você também pode ir descobrindo novas leituras com esse aluno.”
Entrevistado 5	“Podem trazer leituras/textos que façam parte do horizonte de interesses e conhecimento dos alunos, sempre tendo em mente, na seleção de trazer textos literários e de qualidade.”

Quadro 3 – Em sua opinião, o que os professores podem fazer para que suas atividades de leitura sejam significativas para seus alunos?

De acordo com as respostas podemos observar que grande parte dos entrevistados mensuram que o professor deve deixar o aluno livre para ler o que tiver vontade, trabalhar com textos de qualidade e proporcionar diálogos entre o professor e aluno sobre os livros, para que por meio destes o docente possa instigar e estimular seu aluno leitor.

Concorda-se com os entrevistados, visto que o aluno precisa ter contato com as mais diversas formas de textos com qualidade, para que por meio de

contextos significativos ele possa estabelecer a familiarização com os materiais de escrita. Além disto, ressalva-se que a conversa, liberdade de expressão e a discussão sobre os vários sentidos atribuídos ao texto, podem despertar no aluno, o desejo pelo ato de ler.

Nota-se também que nas respostas reforçam que o professor deve aproximar o livro do aluno. Nesse sentido, Pivovar (2002, p.98) expõe que na sala de aula “não há interação dos alunos com o texto, mas uma relação pedagógica apenas, marcada pelas suas especificidades”,. De acordo com o autor o professor não proporciona aos alunos momentos para que eles possam se posicionar diante do texto, o que resulta uma certa insegurança por parte destes.

Conforme foi registrado no decorrer desta pesquisa, o professor tem um papel essencial na formação de alunos leitores, sendo assim, ele deve proporcionar aos seus alunos ocasiões para que o ato de ler seja dinâmico e prazeroso.

Entrevistado 1	“Deixando textos, os mais diversos possíveis, pelo “caminho” como se fossem pedras preciosas e não miolos de pão que possam ser carregados no primeiro sopro de vento. Quanto mais um leitor convive com textos, maior é a sua relação e desejo de encontrar outros textos, mas cuidado, falo de bons textos. O que é um bom texto? É aquele que não foi fabricado com o objetivo de para “domar ferinhas”, mas sim, formar pessoas felizes, criativas, inovadoras e capazes de solucionar os problemas encontrados pelo caminho.”
Entrevistado 2	“Assegurando a presença de bons livros, não só na biblioteca central, como também na sala de aula, para que o aluno possa ter acesso a eles, quando lhe for conveniente. A proximidade com o livro também leva a leitura. Ele está ali, chamando pelo aluno, sugerindo uma cumplicidade prazerosa.”
Entrevistado 3	“Penso que o que disse anteriormente contempla esta questão.”
Entrevistado 4	“Ler só se aprende lendo, não tem outra forma, então é necessário que a escola ofereça momentos em que o aluno tenha contato sistemático, cotidiano. Conversar sobre aquilo que leu é mais importante do que escrever sobre aquilo que leu, do que desenhar sobre aquilo que leu, e a leitura para a escola basicamente está num único âmbito que é registrar, registrar, registrar, ela não se preocupa com a opinião, com a oralização disso, com conversa a respeito disso. Isso tem feito com que os nossos alunos, os nossos adolescentes, de uma forma geral, deixem de lado, a leitura e a literatura com um todo. Além disso, há um outro fator que é predominante, nós temos poucos professores que lêem literatura, nós temos poucos professores que lêem não literatura, então este é um contingente, isto é um elemento preocupante, porque se aquele que vai falar de leitura não é um leitor efetivo, é provável que um dia, digamos, uma pessoa que não leitora pode até falar da importância da leitura para aquelas pessoas que ela vê um dia ou dois dias, mas o professor permanece o ano inteiro com os alunos no mínimo, vamos pensar em alunos do ensino fundamental.”
Entrevistado 5	“Organizando um espaço físico agradável e um ambiente letrado, ou seja, repleto de cartazes, frases, palavras, chamando o aluno à leitura. Proporcionando, também, sempre que possível, o acesso do aluno aos livros, o texto em seu suporte é sempre benéfico ao aprendizado.”

Quadro 4 – Como proporcionar aos alunos uma relação entre escola e literatura?

Observa-se que a maior parte dos especialistas entrevistados ressalta, novamente, a importância da qualidade dos textos, o exemplo dos

docentes como sujeitos leitores literários ativos e a necessidade dos professores possibilitarem e incentivarem a leitura diária.

Acredita-se que a leitura desempenha um papel de suma importância na formação do aluno, e a literatura transmite experiência, conhecimento e cultura. Portanto, a literatura não pode ser tratada somente como uma atividade educativa, mas como algo que auxilia na construção do conhecimento. Diante disto, expõe-se a necessidade da presença de diversos textos literários no repertório de leitura do aluno, e, para que isto ocorra é preciso que o educador abra espaço para contemplar os diferentes gêneros literários no ambiente escolar.

Entrevistado 1	<p>“Não apenas contribui para a formação do leitor, mas vai além dessa função. Para reforçar minha crença, cito o psicanalista René Diatkine que ao ler contos de fadas no seu consultório dizia: ‘o que fazemos não é terapia, é algo muito maior. É uma bela higiene mental, uma preparação para o futuro. Para que as crianças se transformem em adultos saudáveis.’</p> <p>Destaco, porém, que acredito nos contos de fadas mais próximos do original, sem deturpações e adaptações empobrecedoras. A ideia de tirar as “partes trágicas” dos contos é uma visão deturpada e ‘estrábica’ da vida. As crianças sabem separar o que é real e o que é fantasia. Sentem medos e precisam ser ajudadas a enfrentá-los. Colocar as crianças numa redoma de vidro não as ajuda a solucionar seus conflitos interiores.”</p>
Entrevistado 2	<p>“Sim. Os contos de fadas asseguram um olhar para o mundo interior e a partir deles é possível chegar mais próximo aos afetos do sujeito-leitor. As tramas dos CF cumprem alguns papéis, como a garantia da bem-aventurança, quando se está de acordo com nossa verdade interior.”</p>
Entrevistado 3	<p>“Muitíssimo, e não apenas para as crianças pequenas. Pesquisas mostram que crianças, quando pequenas, que não tiveram a oportunidade de ouvir as histórias dos contos de fadas ou outros tipos de histórias fantásticas, contados pelos pais, avós ou por outras pessoas responsáveis pelos cuidados com elas, têm um “vazio imaginário” que carece de ser preenchido. A estrutura bem arquitetada deste tipo de narrativa fantástica, com começo, meio e fim; a presença de um narrador que comanda a história; o delineamento claro e preciso das personagens, divididas entre boas e más; a ação da figura que representa a carência – sempre uma criança; o elemento mágico ou o adulto que a livra do perigo; a idéia recorrente de um final feliz e o princípio otimista que perpassa todos os contos de fadas de que há sempre um caminho para a resolução do problema – todos estes elementos juntos representam uma forma de mostrar para as crianças que a vida vale a pena, que a luta pela sobrevivência é necessária e que a prudência é a melhor companhia para viver bem e feliz. São mensagens que estão construídas de forma sub-reptícia, e simbólica, em que as personagens e suas ações induzem os pequenos a fortalecerem sua confiança nas pessoas e no futuro.”</p>
Entrevistado 4	<p>“A literatura de uma forma geral contribui para a formação da criança desde a menor idade e os contos de fadas, em especial, porque o que estes trazem, que dados importante na formação da criança, isso eu digo também com base nos próprios estudos de Bruno Bettelheim, da Psicanálise dos Contos de Fadas. Essas histórias tradicionais, folclóricas antigas, têm uma estrutura muito importante, que evita a ambigüidade, o bem e o mal estão claramente delineados, a criança é confrontada com coisas boas, mas também com coisas ruins, é confrontada com o sucesso, com o fracasso, mas lá no final é que é confrontada com o sucesso. A mensagem que essas histórias trazem simbolicamente para a criança, elas não menosprezam a criança, não menosprezam o sentimento da criança, não têm medo de traumatizar as crianças, o que aconteceu em muitas histórias modernas, que não têm conflito bem amarrado.”</p>
Entrevistado 5	<p>“Sim, com certeza! O imaginário e o mítico presente nos contos de fadas permitem ao aluno trabalhar com questões subjetivas, que se forem bem encaminhadas na leitura, propiciam o autoconhecimento, a ampliação do horizonte do aluno e o gosto pela leitura.”</p>

Quadro 5 – Você acha que os contos de fadas podem contribuir na formação do aluno leitor da Educação Infantil e do Ensino Fundamental? Em quê?

Diante do exposto, concluímos que os contos de fadas são instrumentos de extrema importância para a formação do aluno leitor, devido à sua

estrutura, ao que é abordado no decorrer das histórias, à mensagem rica em experiência e ao conhecimento que esses contos apresentam, entre outros aspectos positivos.

Ao tratar sobre a importância dos Contos de Fadas, Radino (2003, p. 211) reforça que:

[...] Carregados de representações psíquicas, encerram os dramas pertencentes aos homens e, em uma linguagem poética, transformam nossos desejos e os tornam aceitáveis à nossa consciência. Os contos de fadas simbolizam, de forma artística, as fantasias infantis universais e podem ajudar a criança a conhecer o seu mundo interno. Eles exercem uma função importante no desenvolvimento infantil e podem ser um rico instrumento auxiliar no processo de crescimento, ajudando a criança a conhecer o mundo e a se reconhecer.

Os contos de fadas necessitam receber um olhar especial na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, porque além de todas essas características citadas, estimulam a um raciocínio crítico e intelectual, e auxiliam, inclusive, no processo de alfabetização. As respostas dessa questão vão ao encontro da visão defendida nesta pesquisa.

No entanto, ressalta-se que esses Contos devem ser ricos em significados, fazendo com que o ato de ler e ouvir histórias tenha valor, e adicione algo de interessante na vida do indivíduo. Sobre esse aspecto, Bettelheim (1985, p. 13) ao tratar da literatura infantil atual, aponta que:

A idéia de que, aprendendo a ler, a pessoa, mais tarde poderá enriquecer sua vida é vivenciada como uma promessa vazia quando as histórias que a criança escuta ou está lendo no momento são ocas. A pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e aquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento.

Entrevistado 1	<p>“Desenvolvi inúmeros projetos e atividades voltados à leitura. Divido em projetos e atividades, pois projetos têm maior abrangência do que as atividades realizadas eventualmente. Realizei projetos em que o foco era os contos de fadas, assim como outros que não tinha esse foco, mas que por iniciativa própria, incluía os contos de fadas. Foram muitos, mas vou citar três exemplos:</p> <p>a) feiras de livros em que a ambientação era feita com base em diversos contos de fadas. Quando falo em ambientação é a inclusão dos personagens nos cartazes publicitários, “decoração” do ambiente, personagens “ao vivo e em cores” circulando entre os leitores e as narrativas das histórias;</p> <p>b) debates com especialistas (diversas formação) para confrontar os diferentes pontos de vista a respeito dos clássicos, bem como a aplicabilidade dos mesmos;</p> <p>c) exibição de filmes para educadores com discussões posteriores;</p> <p>d) encontros com escritores em espaços fechados ou em praças públicas, oportunizando ao leitor o contato com re-leituras dos contos de fadas. Um exemplo disso é o livro – “A história do lobo” de Marco Antonio Carvalho.”</p>
Entrevistado 2	<p>“Sim. Vários.</p> <p>Nome: Palavra Revelada</p> <p>Projeto voltado aos adolescentes de 12 a 17 anos (essa faixa etária não foi considerada e trabalhei com crianças de 9 a 15 anos). A literatura como ponto de partida para vivências criativas e formadoras de consciência ética e estética, possibilitando o desenvolvimento do senso de cidadania. Os princípios norteadores do projeto foram o paradigma transdisciplinar e a pedagogia Freinet.</p> <p>Resultado: Avalio o resultado desse trabalho, de um ano, nessa frase proferida por um dos participantes: “Um dia você nos disse que a literatura é uma porta e o que aconteceu no curso, foi que você nos ofereceu a chave para que a gente pudesse abri-la.”</p>
Entrevistado 3	<p>“Sim, junto aos alunos da disciplina de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, no quarto ano do Curso de Letras da UEL. Os acadêmicos analisavam os contos de fadas tradicionais e modernos e elaboravam um projeto de leitura para alunos do Ensino fundamental, tendo em vista a adequação destas obras para as diferentes faixas etárias. Estes trabalhos também foram desenvolvidos nos cursos de Especialização e Mestrado em Letras na UEL. O resultado deste tipo de trabalho era sempre positivo no sentido de preparar os futuros professores para a criação de projetos de leitura literária com alunos entre 2 a 12 anos.”</p>
Entrevistado 4	<p>“Especificamente de contos de fadas não, mas venho orientando nisso. Já desenvolvi projetos de leitura, o projeto Palavras Andantes, trabalhei diretamente de 2002 a 2008. Esse projeto visa a formação de leitores, sob quatro pilares, então é preciso ter o professor mediador que faz a ponte entre a criança e o livro, precisa ter formação específica, compreender a formação contínua a esse respeito, precisa aprender como é que se processa a leitura na criança, porque muitos professores não têm formação de como é esse processo da leitura, e que nem sempre as graduações dão conta de fazer isso num primeiro momento. Ele vai aprender isso depois na prática, na pós-graduação, que ele vai amadurecendo esse aspecto.</p> <p>Trabalhei também com a Hora do Conto semanal, Biblioteca Escolar Reestruturada e Empréstimo Semanal.</p> <p>O projeto teve pleno êxito, ganhamos dois prêmios nacionais e conseguimos mudar a concepção de biblioteca.”</p>
Entrevistado 5	<p>“Sim, com adolescentes, o trabalho foi muito rico e percebi no decorrer dele o interesse dos alunos pela leitura e a motivação ao participar das aulas de Língua Portuguesa. Os encaminhamentos foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Leitura dramática da obra O fantástico mistério de Feiurinha; ● Discussão com os alunos sobre a intertextualidade presente na obra, os contos de fadas que se fundiram nessa paródia; ● Pesquisa nos contos de fadas tradicionais; ● Leitura e discussão dos contos tradicionais; ● Produção de paródias (depois de explicar esse gênero); ● Reescrita dos textos em dramáticos; <p>Montagem e encenação das peças para a turma e para a escola.</p>

Quadro 6 – Você já desenvolveu algum projeto sobre contos de fadas ou outro, de leitura? Se sim, descreva-o. Como você avalia o resultado?

Os entrevistados relatam projetos significativos e interessantes do ponto de vista pedagógico e social. Nota-se que eles visam incentivar e inserir o sujeito/aluno na prática social de leitura, o que de fato é muito importante, tendo em

vista que a leitura amplia a visão de mundo do indivíduo, permitindo que ele contemple o que está ao seu redor com um olho crítico.

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGUER, 2000, p.11).

Desse modo, ressalva-se que, ao trabalhar com a formação de leitores deve-se dispor de atividades atraentes que estimulem e despertem o gosto e o prazer pelo ato de ler, pois em um país marcado por desigualdades sociais, como o Brasil, a leitura diária pode ser como um instrumento para a democratização do conhecimento e de extensão a bens culturais.

Entrevistado 1	“Ler sempre e mais... Despertar a curiosidade omitindo o final de um texto. Emprestar livros. Sugerir que as crianças leiam livros para seus familiares em casa. Levar as crianças a se interessar pela leitura, sem ficar “martelando” na cabeça delas que não devem assistir televisão. Elas não devem só assistir televisão, tem mil outras coisas gostosas para fazer, nosso folclore é rico, nossa língua encantadora.”
Entrevistado 2	“Leiam. Literatura se faz lendo. Simples assim. Arrisquem-se a ler bons textos. Nesse projeto, que cito acima, eu li inclusive Ítalo Calvino, Cidades Invisíveis. E era um grupo formado de crianças de 9 a 15 anos. E eles deram conta, sim.”
Entrevistado 3	“Primeiramente, que sejam eles mesmos, leitores. Sem vivência pessoal com a leitura, sem a compreensão e valorização da leitura para o desenvolvimento do ser humano, acredito que este professor pouca consciência terá do real valor dela para o sucesso de seus alunos e com isso não se empenhará em formar leitores. Nada mais instigante para um aluno do que um professor que vivencia e acredita no que ensina. Em segundo lugar, para aprender e gostar de ler o aluno tem de ser respeitado em seu processo de leitura.”
Entrevistado 4	“Como eu já disse uma das coisas é: Deixa ele chegar até o livro, deixa o livro acessível, porque tem muitos livros presos nas escolas, muitos livros guardados em armários, muitos livros que os alunos não podem tocar, deixa o aluno tocar, conversa com ele sobre esse livro, já é um primeiro passo, um passo primordial.”
Entrevistado 5	“Sugiro fazer do momento da leitura um instante mágico e especial, com contação de histórias, dramatização, transmitindo sua paixão pela Literatura. O professor precisa ser um apaixonado pelos livros e um leitor voraz.”

Quadro 7 – O que você sugere para que os professores possam desenvolver em seus alunos o gosto pela leitura?

De acordo com os especialistas entrevistados, ler é a melhor forma de desenvolver o gosto pela leitura, por isto, é importante que o professor seja um leitor exemplar e ativo.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (AMBRAMOVICH, 2001, p.16).

Acredita-se que, desenvolver nos alunos o gosto pela leitura não é uma tarefa fácil. No entanto, quando é trabalhada de maneira prazerosa, criativa e atraente, é possível obter excelentes resultados.

Conforme revelam os entrevistados e diversos estudos na área, o professor precisa possibilitar aos seus alunos uma convivência diária com a leitura, tendo em vista que, o contato com leitores e livros é um fator determinante para a formação do sujeito leitor.

Entrevistado 1	“O professor pode narrar com naturalidade um conto de fadas, pode pedir para que as crianças narrem ou leiam (com entonação), pode fazer um debate após a narrativa para sentir a recepção que um conto provoca no leitor-ouvinte, pode fazer oficinas de ilustração, de teatro, de figurino, de história em quadrinhos. Pois, quanto mais criativa for a atividade, mais ela desperta o interesse e a atenção.”
Entrevistado 2	“A sua narrativa já é um bom começo.”
Entrevistado 3	“Em sala de aula, com crianças que ainda não sabem ler, acho que poderia ser iniciada com a leitura, pelo professor, de um conto de fadas. Pode ser feita esta leitura aos poucos, no início das aulas (pode-se levar até uma semana para terminá-la), ou então reservar uma aula e contá-la inteira. É preciso uma leitura vivenciada e dinâmica, como fazem os contadores de história, que representam as narrativas, com timbres diferentes de voz para cada personagem e também para o narrador. Se os alunos já são leitores, deixá-los ler livremente, sem nenhuma cobrança do que leram – pode-se deixá-los falar sobre a história escolhida por eles, mas não fazer cobranças, principalmente para nota, sobre suas leituras.”
Entrevistado 4	“Conte histórias para a criança, conte a história que você gostar, isso já basta. Deixa essa criança conversar sobre isso, dê possibilidades a ela, não existe melhor trabalho que isso, de um professor que gosta de uma história e conta essa história com encantamento para a criança, não existe outro trabalho mais perfeito que isso. No momento em que o professor conta a história para a criança é um momento de harmonia, de interação, isto a criança não vai esquecer jamais.”
Entrevistado 5	“Trazer versões contemporâneas; fazer paralelos com o folclore local; aproveitar textos de tradição oral; estimular a oralidade; diversificar as atividades, além do mencionado anterior, pode-se trabalhar com a linguagem não-verbal (HQ, cartazes, ilustração para coletânea de textos, entre outros; valorizar os conhecimentos prévios do aluno.”

Quadro 8 – Quais possibilidades de trabalho você sugere, para a abordagem dos contos de fadas em sala de aula, visando incentivar a leitura?

Referente às possibilidades de trabalho em sala de aula com os Contos de Fadas, podemos observar que a maioria dos entrevistados ressaltam a necessidade de uma boa narração, realizada com prazer e encantamento.

Concorda-se com as respostas apresentadas nesta questão, pois é ouvindo histórias, por meio da narração, que a criança tem o primeiro contato com o texto.

Nesse sentido, Coelho (2001, p. 11) ressalta que:

O narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriando-o na linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem conta.

De acordo com a autora, a história deve ser contada com tranquilidade, para que possa instigar, informar, socializar e educar os alunos. Para que isso ocorra, Coelho (2001) recomenda que o professor não tenha como objetivos ressaltar mensagens, chantagear ou transmitir conhecimentos por meio da história, pois quanto menor a apreensão por tais aspectos, melhor será a influência do narrador.

Perante o exposto acredita-se que os Contos de Fadas podem enriquecer a imaginação da criança, proporcionando pré-requisitos necessários para que a formação futuros leitores competentes. Entretanto, o professor tem o papel essencial nesse processo, ele deve narrar histórias de forma envolvente, explorando a fantasia infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, discutimos a importância de incentivar a leitura e, para isso, propusemos um trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil. Destacamos que nesta etapa da formação do indivíduo é fundamental que o mundo dos livros esteja presente e seja trabalhado de modo peculiar e significativo, aguçando o interesse, a curiosidade e despertando no aluno o prazer pelo ato de ler.

O objetivo central deste estudo foi verificar a importância da leitura, em especial dos contos de fadas na educação infantil para a formação de futuros leitores. Para tanto, apresentamos o posicionamento de teóricos que pesquisam sobre a prática da leitura e a literatura. Com a finalidade de complementar este referencial, realizamos entrevistas com especialistas que se dedicam a estudos sobre o tema abordado, e, por conseguinte, analisamos a concepção deles.

Por meio das análises foi possível constatar que a escola precisa dispor de um repertório de livros com qualidade para que seus alunos tenham acesso; o professor deve ser um exemplo de leitor e bom narrador; proporcionar liberdade para os alunos, possibilitando as escolhas dos livros; trabalhar com a leitura literária desde a mais tenra idade; estimular para que o leitor tenha um papel ativo no ato de ler, estabelecendo significado ao texto; incentivar e inserir o sujeito/aluno na prática social da leitura, tendo em vista que é lendo que se desenvolve o gosto pela leitura.

Apresentamos, também, algumas possibilidades de utilização dos contos de fadas em sala de aula, com o intuito de apontar caminhos, os quais podem nortear para que a leitura seja vista como algo encantador e relevante na formação do sujeito.

Diante do exposto, faz-se necessário que a leitura seja realizada efetivamente, e que por meio desta prática o professor apresente aos seus alunos o valor da literatura. No entanto, cabe ressaltar que, as sugestões apresentadas neste trabalho não foram feitas para que sejam seguidas na íntegra, como receitas, porque cada sala de aula tem um contexto diferente, sendo assim, elas podem ser adaptadas e modificadas de acordo com a realidade da turma.

Conclui-se esta pesquisa na expectativa de que haja uma reflexão da parte dos docentes, futuros docentes e pais sobre a importância do trabalho com

os contos de fadas na Educação Infantil, visando formar leitores ativos. Almeja-se que esses contos sejam integrados à prática de leitura diária. Para que isso ocorra, acredita-se que seja relevante que pais e professores sejam exemplos de sujeitos leitores, e ambos possam contemplar esses contos com uma maior atenção, apreciando a magia e fantasia existente nestes instrumentos. Dessa forma, provavelmente, seja possível contribuir para termos bons e futuros leitores ativos.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍM, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ALVES, Rubem. **Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Disponível em: <<http://pagina-de-vida.blogspot.com/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>>. Acesso em: 2 nov. 2008.
- AMBRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- AMORIM, Galeno (Coord.). Retratos da leitura no Brasil. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2009.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ler e do aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORGES, Silvia Bortolin; BORTILIN, Sueli. **A hora da história: toda criança merece**. Disponível em: <<http://mundoquele.ofaj.com.br/Textos.htm>>. Acesso em: 3 abr. 2009.
- BRANDÃO, Helena H. N.; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-30. (Coleção Aprender e ensinar com textos, 2).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: 1º e 2º ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANTOS de atividades diversificadas**. Projeto IBM – Kidsmart Brasil. Disponível em: <http://www.formaremrede.org.br/v/biblioteca/Cantos_Ativ_diversif_final.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2009.
- CECILIATO, Neuza. A leitura literária. **Máthesis: Revista de Educação**, Jandaia do Sul, v. 8, n. 1, p. 9-32. jan./jun 2007.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: conto de fadas**. São Paulo: FTD, 2001.

IBGE. **Educação melhora, mas ainda apresenta desafios**. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:ngwIxin32nAJ:www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php%3Fid_noticia%3D1233%26id_pagina%3D1+ibge%2Bmaioria+da+popula%C3%A7%C3%A3o+renda+familiar%2B+2008&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 1 maio 2009.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LIMA, Elieuzza Aparecida; GIROTTO, Cyntia G. Simões. **Leitura e leituras na educação infantil: reflexões sobre as caixas que contam histórias**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss08_04.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2009.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt, et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. v. 1, p. 157-163.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: brasiliense, 1990.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa/literatura**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa/literatura**. Curitiba: SEED, 2009.

PIVOVAR, Altair. O parlamento das gralhas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 20, p. 87-105, 2002.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **O Brasileiro lê em média menos de cinco livros por ano**. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=765&Itemid=82>. Acesso em: 27 nov. 2008.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SANDRONI, Laura. O incentivo a leitura na família. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Moderna, 2005. Disponível em: <http://www.congressomoderna.com.br/congressos/docs/incentivo_leitura.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2008

SCLIAR, Moacir. Para dar asas à imaginação. **Mente & Cérebro**, São Paulo, n. especial, p. 52-55, [2000?].

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e a realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Brincando com histórias infantis**. 2. ed. Santo André: ESETec, 2008.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA

UEL – Universidade Estadual de Londrina
CECA – Centro de Educação, Comunicação e Artes

Esta entrevista busca complementar informações obtidas no decorrer deste trabalho junto ao(á) _____ e pretende verificar como deve ser a relação entre a escola, leitura e literatura e qual é a contribuição dos contos de fadas para a formação de sujeitos leitores. Faz parte do estudo compreendido como TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

Está sendo executada por Flávia Cristina Vargas da Cruz, orientada pela professora Dr^a. Lucinea Aparecida Rezende, do Departamento de Educação da UEL. Havendo qualquer dúvida, favor entrar em contato com a pesquisadora, pelo e-mail flaviatos@hotmail.com, que se compromete a apresentar à sua orientadora e retornar com a resposta cabível.
Agradecemos imensamente pela colaboração.

Flávia Cristina Vargas da Cruz

1. Qual é a sua formação? A que área se dedica atualmente?
2. Qual concepção de leitura você defende?
3. Em sua opinião, o que os professores podem fazer para que suas atividades de leitura sejam significativas para seus alunos?
4. Como proporcionar aos alunos uma relação entre escola e literatura?
5. Você acha que os contos de fadas podem contribuir na formação do aluno leitor da Educação Infantil e do Ensino Fundamental? Em quê?
6. Você já desenvolveu algum projeto sobre contos de fadas ou outro, de leitura? Se sim, descreva-o. Como você avalia o resultado?
7. O que você sugere para que os professores possam desenvolver em seus alunos o gosto pela leitura?
8. Quais possibilidades de trabalho, você sugere, para a abordagem dos contos de fadas em sala de aula, visando incentivar a leitura?